

TE ESPEREI NO CAOS!



A dark, atmospheric scene showing a person from behind, wearing a backpack, standing in a desolate, rocky landscape. In the distance, a large stone bridge spans a river, and across the water, a city is visible, heavily damaged and engulfed in flames. The sky is filled with thick, dark smoke and clouds, creating a somber and apocalyptic atmosphere.

JEAN
RODRIGO

**TE
ESPEREI
NO
CAOS!**



Dedicatória

Dedico esta obra àqueles que amam em silêncio.
Àqueles que só precisam de um pequeno empurrão para construir uma história e realizar seus sonhos. Seja um amor platônico ou recíproco... apenas diga o que sente!

Quem sabe pode dar bom, hein? Não deixe o medo, a ansiedade da possível negação ou a timidez te paralisarem. Faça o que for preciso. Tente.

E se a resposta não for um "não", então se acalme — ainda há esperança. Mesmo em meio ao caos das nossas vidas... vale a pena esperar.

Àquelas que já amei no passado: obrigado.
E para aquela que, de forma nada comum — mas extraordinária — eu simplesmente disse o que precisava ser dito:

Minha fé não está firmada naquilo que vejo, por isso sei...
ainda serei capaz de te amar.

Sumário

- Capítulo 1 – Quando o Silêncio Tremeu
- Capítulo 2 – Palavras Não Ditam Tudo
- Capítulo 3 – As Partes Que Não Mostro
- Capítulo 4 – A Multidão Que Não Me Enxerga
- Capítulo 5 – Quando o Silêncio Troca de Lado
- Capítulo 6 – As Palavras Que Quase Foram
- Capítulo 7 – Mesmo Que Ela Não Saiba
- Capítulo 8 – Diálogos Profundos
- Capítulo 9 – Surpreendentemente com ela na madrugada
- Capítulo 10 – Ciúmes
- Capítulo 11 – Jejo escreve cartas nunca entregues
- Capítulo 12 – A partida
- Capítulo 13 – Entre a Crise e o Colapso
- Capítulo 14 – Novo Nome, Sem Aviso Prévio
- Capítulo 15 – Revelações do Passado
- Capítulo 16 – Chegando Através das Cartas
- Capítulo 17 – A carta, e o caos
- Capítulo 18 – Silêncios que gritam
- Capítulo 19 – Deixar ser feliz
- Capítulo 20 – Ela voltou
- Capítulo 21 – “O Corpo do Passado, o Coração do Agora”
- Capítulo 22 – Angelical
- Epílogo – Parte 1: “Porque Amar Também É Acordar Juntos”
- Epílogo – Parte 2: “Clara Angel”
- PÓSFÁCIO – "Carta para Clara Angel"

SINOPSE

Te Esperei no Caos é uma jornada de silêncios intensos, palavras não ditas e sentimentos guardados com tanto zelo que quase se perdem no tempo.

Jejo é um jovem introspectivo, mergulhado em pensamentos profundos e cicatrizes mal resolvidas. Ayumi, seu oposto: caótica, viva, cercada de pessoas, mas ferida por dentro. O destino os coloca frente a frente num evento cultural, e um laço invisível começa a se formar — silencioso, intenso e imprevisível.

Enquanto Jejo escreve cartas que nunca entrega, Ayumi vive fugas internas. Entre diálogos noturnos, gestos sutis, ciúmes, afastamentos e reaproximações, os dois se aproximam do inevitável: o reconhecimento mútuo do amor que sempre existiu.

No entanto, o tempo os separa. Países, decisões, silêncios... até que uma carta muda tudo. Uma promessa de reencontro. Uma presença inesperada: Clara. Não uma rival, mas um elo. Um ser angelical que une passado e presente, e se torna ponte para o futuro.

E no final, quando tudo parecia caos, nasce uma nova vida. Clara Angel. Uma filha. Uma herança de amor que não começou certo, mas terminou eterno. Essa é uma história sobre esperas. Sobre caos. E sobre o amor que, mesmo adiado, chega no tempo certo.

Capítulo 1 — Quando o Silêncio Tremeu

A cidade pulsava num ritmo estranho naquele fim de tarde. As pessoas pareciam mais calmas do que de costume, mas ainda assim, algo no ar denunciava movimento. A Semana das Artes, como chamavam, era o único evento que conseguia tirar Jejo de casa sem precisar de esforço alheio. Ali, ele sentia que podia ser invisível e, ao mesmo tempo, pertencente.

Tinha escolhido se sentar perto da tenda de poesia, onde uma pequena caixa de som transmitia a voz trêmula de uma jovem declamando seus versos. O público aplaudia baixo, respeitoso. Jejo observava as palmas com mais atenção do que os versos em si. Às vezes, ele prestava mais atenção na forma com que as pessoas sentiam as coisas do que nas coisas em si.

Seus fones descansavam pendurados no pescoço. Não havia necessidade de música ali, o ambiente já era suficientemente melódico. O cheiro de café com especiarias vinha de um food truck a poucos metros. Ele gostava disso. O comum com camadas.

Sentado no chão de pedra fria da praça, com o caderno aberto sobre o joelho, Jejo rabiscava sem rumo. Palavras soltas. Fragmentos de pensamentos. Um nome que nunca havia escrito antes. “Caos”.

Foi então que o silêncio interno dele se rompeu.
Ela passou.

Primeiro, ele notou o som dos passos. Leves, mas decididos. Depois, a risada. Alta, quase fora de lugar. E por fim, o jeito como ela segurava um copo de café como se fosse uma espada e o cabelo preso num coque bagunçado que gritava liberdade. Ayumi.

Ele não sabia o nome dela ainda. Mas algo em Jejo soube. Como se o tempo tivesse dado uma pausa discreta para que aquele momento fosse registrado com nitidez. Era ela. O tipo de pessoa que entrava em um ambiente e fazia os móveis mudarem de lugar.

Ela não olhou para ele. Passou falando com alguém ao telefone, sorrindo com sarcasmo e segurando uma tela em branco de pintura como se carregasse uma bandeira de guerra.

Jejo perdeu o ar por um instante.

"Por que isso agora?", ele se perguntou. A vida dele estava, digamos... organizada. Controlada. Um pouco caótica por dentro, claro, mas quem não estava? Ele já tinha aceitado que não era o tipo de cara que protagonizava romances. Seu lugar era outro. Nos bastidores. Nos cadernos.

Mas ali estava ela. Um ponto de exclamação atravessando sua zona de conforto.

Ele não sabia explicar, mas sentiu que aquela garota era um terremoto. E ele, uma cidade sem estrutura emocional para aguentar abalos sísmicos.

— Você vai escrever sobre isso ou só vai fingir que não aconteceu? — sussurrou a si mesmo.

Fechou o caderno. Levantou-se lentamente, como quem não quer demonstrar para o mundo que está em processo de transformação. Mas por dentro, ele já não era o mesmo.

— Onde você vai, Jejo? — perguntou uma colega de sala, sentada próxima a ele, lendo um zine.

— Só vou andar um pouco... ver as tendas de ilustração.
— mentiu, ainda olhando de canto para onde Ayumi havia ido.

Caminhou pela praça tentando parecer distraído. Sentia o coração pesado, como se estivesse carregando um segredo que ainda nem existia.

Na tenda de pintura experimental, lá estava ela. Ayumi. Cercada por pincéis, telas em branco, tintas vibrantes. Parecia parte do cenário, como se tivesse sido pintada ali por um artista ousado que decidiu usar vida real no lugar de tinta a óleo.

Ela estava rindo com um grupo de colegas. Gesticulava muito. Falava rápido. Tinha nos olhos um brilho que misturava tédio com euforia. Jejo não entendia como aquilo era possível. Como alguém podia parecer tão viva e tão alheia ao mesmo tempo?

— Quer pintar? — perguntou uma das meninas, oferecendo-lhe um pincel.

Jejo sorriu sem jeito.

— Só tô olhando... observando as cores — respondeu.

— Você fala como se as cores tivessem voz — brincou Ayumi, virando-se para ele pela primeira vez.

Os olhos dela. Castanhos, quase pretos. Mas havia algo ali que doía. Como se rissem por fora, mas pedissem socorro por dentro.

— Às vezes têm — respondeu, com mais firmeza do que imaginava ter.

Ela sorriu. Não um sorriso simpático ou protocolar. Era um sorriso torto, quase debochado. Mas sincero. Como quem achou graça da ousadia dele.

— Você tem nome, cara das cores que falam?

— Jejo.

— Jejo? É tipo um apelido?

— É. É o que sobrou do meu nome depois que o resto deixou de fazer sentido — respondeu, sem pensar.

Ela riu alto.

— Tá bom, Jejo. Eu sou Ayumi. Mas pode me chamar de Ayumi mesmo. Não sobrou nada pra cortar.

Aquela frase ficou ecoando dentro dele.

“Pode me chamar de Ayumi mesmo.”

Soava como uma despedida em forma de apresentação. Como se ela avisasse desde o início que não era para se apegar. Mas Jejo já estava. Ainda que não quisesse. Ainda que fosse contra seus próprios instintos de autoproteção.

— Você escreve, não é? — perguntou ela, apontando para o caderno na mão dele.

— Como você sabe?

— Você tem cara de quem escreve demais e fala de menos.

Ela acertou em cheio.

Conversaram por mais alguns minutos. Nada profundo. Coisas soltas. Filmes, exposições, músicas favoritas. Ela gostava de bandas alternativas japonesas. Ele preferia trilhas sonoras instrumentais. Ela odiava domingos. Ele amava. Ela era feita de urgências. Ele, de esperas.

Jejo saiu dali zonzo. Não de amor. Ainda não. Mas de reconhecimento. Como se, por um momento, tivesse se visto do lado de fora. Como se Ayumi tivesse mexido nos móveis do mundo dele com a naturalidade de quem muda de playlist.

No caminho de volta pra casa, o céu escurecia e o vento aumentava. Mas dentro dele havia luz demais para reparar.

Ele sabia. A partir daquele dia, a vida não ia mais ser silenciosa.

Capítulo 2 — Palavras Não Ditam Tudo

O silêncio do quarto de Jejo era seu esconderijo preferido. As luzes da cidade pintavam sombras suaves nas paredes, enquanto um jazz instrumental fluía dos fones como um sussurro confortável. O som da chuva leve no telhado parecia sincronizado com o turbilhão silencioso dentro dele. Desde aquele dia no evento cultural, desde aquele instante em que os olhos dele cruzaram com os de Ayumi, Jejo não era mais o mesmo. Era como se algo tivesse se acendido por dentro — mas não era fogo. Era uma mistura estranha de calor e gelo, uma inquietação que não o deixava dormir direito, que fazia seus pensamentos se embaralharem em momentos simples como o café da manhã ou uma caminhada rápida até o mercadinho da esquina. Ele não sabia explicar o que era. Mas era forte. Tão forte que doía.

Por isso, naquela noite, sentado diante da escrivaninha, ele abriu o velho caderno de capa azul, aquele que ninguém nunca tinha lido, aquele que era mais íntimo que qualquer conversa. O caderno que nunca teve nome, mas agora ganharia um segredo.

"Ayumi", ele escreveu no alto da página, e parou. Só isso já foi suficiente para que seu coração acelerasse como se tivesse feito algo errado, algo perigoso. Era só um nome. Mas o nome dela.

Ele apoiou a testa sobre os braços e respirou fundo. As palavras estavam todas ali, escondidas em alguma dobra da alma, mas não se deixavam pegar fácil. Ele não queria apenas escrever sobre uma garota bonita que viu num evento. Não era isso. Era o que ela provocava nele — e isso sim era difícil de traduzir.

Pegou a caneta de novo. Escreveu como se estivesse tirando espinhos do peito, um a um:

"Não é sobre o que vi, mas o que senti.

Foi como se tudo que eu silenciei por anos tivesse encontrado som.

Elá não disse nada pra mim. Nem olhou por mais que três segundos.

Mas mesmo assim, meu mundo mudou.

Ayumi é um nome que agora vive entre as minhas costelas.

E eu não sei se é paixão, curiosidade ou algo que ainda nem existe palavra pra explicar!"

Ele parou, releu o que escreveu e sorriu com tristeza. Era como se estivesse confessando algo proibido para um diário que não o julgaria. Ao contrário do mundo lá fora, onde ele jamais teria coragem de dizer isso em voz alta. Jejo não era covarde. Mas também não era impulsivo. E sentia, com força, que esse sentimento deveria ficar onde nasceu: no papel.

Nas noites seguintes, isso virou hábito. Após os compromissos do dia, ele corria para o caderno. Ouvia músicas que lembravam o tom de voz que ele imaginava que ela tinha. Escrevia versos quebrados, fragmentos de diálogos que nunca existiram, e poemas tortos como:

“Ela é tempestade.

E eu sou o chão que sente sem entender.

***Ela dança como se não houvesse ninguém olhando,
e mesmo assim, todos olham.***

Eu a vi num instante.

Mas a guardo como se fizesse parte da minha infância.

Ela não me viu.

Mas eu a vejo quando fecho os olhos.”

Cada frase era como um fio puxado de dentro dele. Não era exagero — era verdade crua, sensível, e às vezes até um pouco vergonhosa. Aquele caderno passou a ser o único lugar onde Jejo se permitia ser completamente vulnerável.

Durante o dia, ele tentava seguir a rotina normalmente. Faculdade, trabalho parcial na livraria do centro, almoço apressado com os pais, mensagens automáticas com os colegas. Mas em tudo, Ayumi parecia ecoar. Jejo a via nos cartazes de arte abstrata que colavam nos postes, ou no rosto das personagens que lia nos romances. Cada rosto desconhecido agora competia com o dela.

Ele tentou ignorar. Até tentou escrever sobre outras coisas. Mas voltava sempre àquela lembrança.

O jeito que ela tocava os colares pendurados em uma barraca artesanal.

A forma como ela parecia rir com os olhos antes de rir com a boca.

A maneira como ela parecia... incompleta, como ele.

Certa noite, Jejo escreveu um texto mais longo. Era quase uma carta, mas que ele jamais enviaria:

“Ayumi,

Eu não te conheço. Não sei nem se esse é o seu nome verdadeiro.

Mas você apareceu no exato momento em que eu estava começando a desacreditar de tudo.

Eu vejo em você uma bagunça que parece espelhar a minha.

É como se você também tivesse construído muralhas.

E talvez, só talvez, por um milagre qualquer, uma pequena brecha tenha permitido que eu visse um pedaço do que há aí dentro.

Eu queria te dizer isso.

Que eu te vi.

E que, mesmo sem saber, você me deu vontade de escrever de novo.

Isso pode não significar nada pra você.

Mas pra mim... é um recomeço.

Obrigado por existir.

Mesmo que só por alguns minutos num evento qualquer.”

Fechou o caderno com força, como se estivesse trancando um cofre emocional. Sentia o rosto quente. Era um sentimento tão profundo quanto absurdo. Como alguém podia provocar tudo isso sem nem saber? Os dias se passavam, e Jejo esperava, sem esperar. Ele não procurava Ayumi nas ruas, mas sentia que o universo talvez a colocasse no caminho dele de novo. Ele não acreditava em destino do jeito que os filmes pintavam, mas acreditava que algumas pessoas cruzavam nossa história por algum motivo. E Ayumi... Ayumi tinha deixado algo aceso.

Numa quarta-feira qualquer, enquanto organizava os livros de filosofia oriental na livraria, um cliente tocou em seu ombro para pedir ajuda. Jejo virou-se. Não era Ayumi. Mas o perfume daquela moça estranha lembrava exatamente o aroma que ele sentira no evento.

O coração disparou.

Era como se tudo ao redor gritasse por ela. Jejo se deu conta, ali, no meio das prateleiras, que ele não estava apenas escrevendo sobre Ayumi.

Ele estava escrevendo pra continuar existindo.

Pra continuar sentindo.

Pra não enlouquecer com o vazio de não saber se ela voltaria a aparecer.

Naquela noite, ele escreveu mais uma página, enquanto o som da chuva voltava a cair:

***“Talvez eu esteja apaixonado.
Talvez seja só projeção.
Mas mesmo se for ilusão...
Eu prefiro sonhar com você do que acordar sem cor.
Meu caos tem o teu nome.”***

E pela primeira vez, depois de muito tempo, Jejo chorou.
Não de tristeza, nem de alegria. Mas de alívio.
Porque finalmente tinha um lugar para colocar o que sentia.
Mesmo que esse lugar fosse um caderno de capa azul.
Mesmo que nunca tivesse coragem de contar a ela.
Por enquanto.

Capítulo 3 — As Partes Que Não Mostro

Era madrugada quando Jejo acordou com o peito apertado, os olhos úmidos e a sensação de que faltava ar. A lua atravessava a janela com a frieza de quem apenas observa, sem se importar. E dentro dele, alguma coisa tinha rompido o silêncio. Era como se sua mente tivesse puxado fios antigos, já empoeirados, e os colocado no centro do quarto. Ele se sentou na cama, suado, as mãos trêmulas, tentando entender de onde vinha aquela dor súbita.

Não havia nenhum som, nenhum vulto, nenhuma presença. Mas Jejo sabia... aquilo vinha de dentro.

Respirou fundo. Passou as mãos pelo rosto e, sem pensar muito, abriu o caderno de capa azul. Mas, dessa vez, não escreveu sobre Ayumi. Nem conseguia. Era como se antes de seguir qualquer sentimento novo, ele precisasse entender as rachaduras antigas.

E elas eram profundas.

Fechou os olhos e viu, como se fosse um filme, os corredores da escola onde estudou. Aquele lugar tinha cheiros e texturas que o tempo não conseguia apagar. Lembrou-se do dia em que caiu da bicicleta e chorou, não de dor física, mas de vergonha, porque ninguém correu para ajudá-lo. Lembrou do aniversário em que ninguém apareceu, só a mãe, com um bolo comprado às pressas no mercado. Lembrou de quando entregou seu primeiro poema para uma garota da sala — e ela riu, mostrando para os colegas.

Ele queria gritar com aquele menino do passado:

— Não entrega tudo de cara... não mostra tua alma assim...

Mas já era tarde. Aquilo estava marcado nele. Jejo não era apenas introspectivo por opção. Ele era por proteção. Era escudo, não estilo. Cada silêncio dele tinha raiz em uma dor antiga. Cada desconfiança era uma forma de evitar novas cicatrizes.

Voltou ao presente com o som do despertador. Ainda era cedo. Mas ele sabia que não dormiria mais.

Na livraria, as palavras dos livros pareciam zombar de sua fragilidade. Tantos autores escrevendo com clareza sobre sentimentos, sobre traumas, sobre amor. E ele, que se considerava um escritor da alma, mal conseguia dar nome às próprias feridas.

Foi quando uma cliente pediu ajuda, e ele quase deixou o livro cair das mãos.

Era Ayumi.

Não sabia se era coincidência, destino ou punição divina por ter ousado escrever sobre ela tantas noites seguidas. Mas ali estava ela. De moletom cinza, cabelo preso num coque meio desarrumado, olhos atentos ao que segurava.

— Oi... você trabalha aqui, né? — ela perguntou, sem muita cerimônia.

Jejo assentiu, engolindo em seco.

— Tô procurando aquele livro do Murakami... sabe qual é? O das metáforas meio malucas.

— “Kafka à Beira-Mar”? — ele respondeu, com a voz meio rouca.

— Isso! Esse mesmo. Tem?

Ele fez que sim e se virou para pegar. As pernas bambearam um pouco. Não era nervosismo por ver a garota que o inspirava. Era medo. Medo de que ela visse algo além. Que percebesse o menino ferido que ele escondia de todos.

Entregou o livro com um leve sorriso, tentando parecer natural. Ela agradeceu, olhou-o por um segundo a mais e depois saiu, deixando um rastro de perfume cítrico no ar. Jejo ficou parado, com o coração disparado. Ela se lembrava dele. Mas será que ela via?

Será que ela percebia as rachaduras sob a superfície? De volta ao caderno, naquela noite, Jejo escreveu diferente. Não era poesia, nem carta. Era confissão:

“Tem dias que eu acordo e sinto que ainda sou aquele menino ignorado na roda.

Aquele que falava demais e passou a falar de menos.

Que se apaixonava fácil e era motivo de riso.

Ayumi, você não sabe, mas talvez esteja se aproximando de uma bomba emocional.

Eu sei esconder bem. Mas dentro... tem fogo.

Um fogo antigo.

Queimou minhas primeiras tentativas de ser feliz.

Você me dá vontade de tentar de novo.

E isso me assusta.”

Ao terminar, deitou-se com os olhos abertos, encarando o teto. E os flashes voltaram.

A discussão dos pais.

O sumiço do irmão mais velho.

A promessa que fez pra si mesmo: **“Nunca mais me abrir demais pra ninguém.”**

Mas agora... agora estava se abrindo.

Mesmo que fosse só no papel.

Na semana seguinte, Ayumi voltou à livraria. Jejo a viu chegar e se escondeu entre os corredores. Não queria falar com ela. Não naquele dia. Estava emocionalmente exposto demais. Sentia que ela, com apenas um olhar mais profundo, poderia quebrar tudo.

Ela circulou, procurou, olhou em volta. Talvez o estivesse procurando. Talvez não.

Jejo apenas observou, sem se mostrar.

Quando ela foi embora, ele sentou-se no chão entre os livros e sussurrou para si:

— Você merece alguém inteiro... e eu tô em pedaços.

Mas uma parte dele queria que ela visse.

Que ela ficasse.

Que ela perguntasse: **“Você tá bem de verdade?”**

Porque ninguém nunca perguntava isso de verdade.

E naquela noite, mais uma página foi escrita:

*“Se um dia você me perguntar o que sinto,
talvez eu minta.
Mas não por vergonha.
Por medo de você ir embora.
Porque eu sou feito de memórias que não cicatrizararam.
E amar alguém...
seria expor todas elas.”*

Jejo percebeu então que não era apenas Ayumi que o mexia. Era a ideia de ser visto. De ser tocado onde ninguém mais tocava. E isso... isso doía. Mas era uma dor bonita. Uma dor de quem está, enfim, querendo ser curado.

Mesmo sem saber como.

Mesmo com medo.

Capítulo 4 — A Multidão Que Não Me Enxerga

Ayumi era o tipo de pessoa que parecia estar sempre no centro das coisas. Das rodas, das risadas, das conversas atravessadas no meio da rua. Andava rápido, falava alto, tinha sempre alguém puxando sua manga — ou querendo puxar. Se alguém perguntasse quem era ela, diriam: “uma força da natureza”. Mas ninguém perguntava como ela era de verdade.

Ela se acostumou a ser aquela que preenchia espaços, mesmo quando os seus estavam vazios.

Era sexta-feira e ela já tinha três convites para a noite. Festa da Ana, barzinho com o pessoal da produtora, ou uma exposição underground que alguém recomendou no grupo. Escolheu a terceira opção. Não porque fosse a mais interessante — mas porque seria mais fácil desaparecer entre gente desconhecida.

Colocou uma blusa preta de gola alta, jeans rasgado no joelho e um batom vinho que contrastava com a expressão cansada nos olhos. Pegou o fone de ouvido e saiu caminhando pelas ruas do centro velho da cidade, onde prédios antigos escondiam histórias que ninguém mais contava. Ela se sentia um pouco como esses prédios: bonitos por fora, corroídos por dentro.

A exposição era num casarão meio abandonado, com luz baixa e música ambiente experimental. Ela andava entre as obras como quem procurava sentido. Cada quadro, cada instalação, era um espelho disfarçado. Mas ninguém notava isso nela.

Ayumi era boa em fazer barulho com a alma quieta.

– Uau, você de novo?

A voz a pegou de surpresa. Virou o rosto devagar, quase torcendo para não ser quem ela pensou.

Mas era. Jejo.

Ele estava encostado numa pilastra de tijolos à mostra, com um copo de papel na mão e o mesmo olhar tímido de sempre. Ela sorriu, meio desconcertada, meio genuína.

– Parece que temos gostos parecidos, hein? – disse ela, cruzando os braços.

– Ou estamos fugindo das mesmas coisas – respondeu ele, com um meio sorriso.

Ayumi riu. Mas por dentro, aquilo bateu fundo. Fugindo de quê? Ela nem sabia mais. Tanta coisa tinha se embaralhado nos últimos anos.

– E você? Veio por alguém ou por algo? – ela perguntou, como quem joga conversa ao vento, mas querendo algo mais.

– Vim por mim. Tentar me entender em algum reflexo. – Jejo disse sem hesitar.

Ela encarou ele por um instante mais longo que o normal. Depois desviou o olhar para uma escultura feita de cacos de espelho.

– Às vezes, a gente só quer encontrar um pedaço nosso que ainda não esteja quebrado – ela murmurou.

Ele a olhou, surpreso com a sinceridade.

Ayumi se odiava por dizer coisas assim. Porque abria brechas que lutava tanto para manter fechadas.

Ela não era sempre assim.

Na verdade, ninguém sabia, mas Ayumi tinha dias em que tudo dentro dela parecia querer implodir. Sentia-se exausta por manter a aparência de força. Por ser a amiga que aconselha, a filha que cuida, a profissional que entrega, a mulher que não chora em público. Todo mundo dizia que ela era admirável. Mas não viam o custo disso.

Não viam as mãos tremendo ao final do dia.

Não viam as mensagens apagadas antes de enviar.

Não viam a ansiedade vestida de eficiência.

Naquela mesma noite, depois da exposição, ela foi à casa da amiga Mariana, onde rolava uma espécie de “after” improvisado. Muita música alta, conversas jogadas ao acaso, gente demais em um espaço pequeno.

Ela riu. Dançou. Postou stories sorrindo.

Mas em certo momento, se trancou no banheiro, sentou-se na tampa do vaso e chorou silenciosamente. Não sabia exatamente o porquê. Só sabia que o peito estava doendo.

Pegou o celular e abriu as anotações. Começou a escrever algo que não pretendia mostrar pra ninguém:

***“As vezes eu queria ser só uma menina que pode
desmoronar sem causar um terremoto em volta.
Queria que alguém me perguntasse se estou bem... e
insistisse na resposta.
Queria sair de cena sem que o mundo desmoronasse.
Mas não posso.
Porque me construíram pra ser parede.
E parede não chora.
Só trinca. Em silêncio.”***

Salvou e apagou na sequência. Ela não podia se dar esse luxo.

Na segunda-feira, voltou à rotina frenética. Trabalho, faculdade, projetos paralelos. Muita coisa, pouco tempo. Era assim que ela gostava — ou precisava. Passou na livraria de novo. A desculpa era procurar outro livro. Mas o motivo verdadeiro era outro.

— Achou que eu só lia Murakami? — disse ela, cutucando Jejo de leve no ombro.

Ele sorriu, surpreso de novo.

— Não, mas fico curioso pra saber o que mais te atrai. Ela mostrou o título: “Fragmentos de um Discurso Amoroso”, de Roland Barthes.

— Hm... você gosta de se complicar, né?

— E você acha que sentimentos são simples? — rebateu, desafiando-o com um olhar direto.

Jejo gaguejou um pouco e balançou a cabeça. Ela percebeu. E sorriu, mas havia algo de triste naquele sorriso.

- Te vi naquela exposição. Você olhava as obras como quem queria conversar com elas.
- Talvez eu quisesse mesmo – ele respondeu. – Às vezes a arte entende a gente melhor que as pessoas.

Ayumi engoliu em seco. De novo, ele dizia coisas que cutucavam algo nela. Jejo era diferente. Não queria impressionar, não queria invadir. Só estava ali, com uma presença que respeitava o silêncio — e isso a atraía mais do que gostaria.

Naquela noite, Ayumi caminhou sozinha até em casa. Recusou caronas. Desligou o celular. Queria silêncio, mas não o vazio.

E foi naquele silêncio que se deu conta: ela tinha medo de se aproximar de alguém como Jejo. Porque ele parecia ver coisas que ela mesma não entendia.

Se ele visse suas dores... será que ficaria?

Ou pior... será que ela conseguiria manter as máscaras por muito tempo?

Deitou-se e olhou para o teto, como se o escuro pudesse responder algo.

Pensou em sua mãe, sempre distante emocionalmente.

Pensou em seu pai, que trocou a presença por desculpas.

Pensou nas amizades superficiais, nos relacionamentos que só queriam seu corpo, nunca sua alma.

E pensou em Jejo. Um estranho que não pedia nada, mas parecia oferecer tudo.

Ela dormiu com lágrimas nos olhos — pela primeira vez em muito tempo.

Mas dormiu.

Capítulo 5 — Quando o Silêncio Troca de Lado

Durante toda a semana, Jejo não tentou forçar mais encontros. Ele continuou indo à livraria, às mesmas horas, visitando cafés em que havia a chance de vê-la — mas sem esperar de verdade. Ele nunca soube desejar com exigência. Era como se sempre tivesse aprendido a admirar de longe, calado, esperando que a vida o notasse por conta própria.

E talvez fosse por isso que se surpreendeu tanto quando ela notou.

Era quarta-feira à tarde. Chovia fino, e a cidade parecia envolta em uma névoa que silenciava até os carros. Jejo caminhava de cabeça baixa, capuz cobrindo o rosto, mochila pesada nas costas. Ele não estava indo para lugar nenhum. Apenas andava, como quem tenta se encontrar andando fora de si.

E então, sem querer, esbarrou nela.

– Opa! Cuidado aí, rapaz solitário – disse Ayumi, com um sorriso de canto e guarda-chuva vermelho.

Jejo arregalou os olhos. A voz dela era tão familiar quanto o som da própria chuva agora.

– Ayumi? Que... você por aqui?

– Ué, a cidade não é só sua, né?

Os dois riram, brevemente. Ela balançou o guarda-chuva e apontou com a cabeça.

- Você tá indo pra onde?
- Sinceramente? Lugar nenhum.

Ela olhou para o céu cinzento, depois para ele.

- Então vai comigo. Tô indo tomar um café no lugar mais esquisito e maravilhoso que eu conheço. Você vai gostar.

Jejo hesitou. A parte tímida dele gritou em pânico. Mas algo naquela fala dela — ou talvez no jeito com que ela o convidou sem pedir explicações — quebrou sua resistência.

- Tá... vamos.

O lugar realmente era estranho. Um café no fundo de uma loja de discos usados, com tapeçarias vermelhas nas paredes, plantas penduradas e uma jukebox analógica tocando jazz antigo. Ayumi cumprimentou o dono pelo nome, escolheu a mesa do canto e pediu “o de sempre”.

- E você, quer o quê? — ela perguntou.
- O mesmo que você. Surpreende-me.
- Tá em boas mãos — disse ela, sorrindo de forma leve, quase irônica.

Sentaram-se frente a frente. Por alguns minutos, apenas observaram o ambiente. Jejo, inquieto por dentro. Ayumi, serena por fora. Mas os olhos dela traíam cansaço.

- Você sempre vai a lugares que parecem não existir no mapa? – ele perguntou, tentando aliviar o peso do silêncio.
- Sempre que quero escapar de mim mesma.

A resposta bateu fundo.

Jejo olhou para ela, e por um instante viu algo diferente. Um cansaço bonito. Um tipo de dor que não fazia drama — só estava ali, viva, discreta.

Ela notou o olhar dele e piscou devagar.

- Que foi? Tô descabelada?
- Não. É que... você parece estar longe mesmo estando aqui.

Ela parou, como se aquela frase tivesse tocado um ponto vulnerável. Mas não desviou o olhar. Ao contrário, apoiou o queixo na mão e ficou olhando pra ele de volta, por mais tempo do que seria comum.

- E você, Jejo... por que me olha como se estivesse sempre se despedindo?
- Ele não soube o que dizer. Engoliu seco, olhou para a xícara ainda vazia.
- Eu só... nunca sei quando as coisas vão embora. Então aprendi a contemplar antes.

Ayumi ficou em silêncio. E foi ali que algo mudou.

Pela primeira vez, não foi Jejo quem cedeu espaço. Foi ela quem se moveu.

Esticou a mão por cima da mesa e, sem palavras, tocou na dele. Um toque leve. Gentil. Rápido.

Mas para Jejo, foi como se o mundo tivesse parado.

Seu peito, acostumado a ficar recolhido, expandiu. Algo quente subiu pela espinha, e por um instante ele se permitiu acreditar.

Ela sentia. Mesmo que escondesse, mesmo que lutasse.

Ela sentia.

Quando o café chegou, a conversa deslizou de forma mais tranquila. Falaram de filmes, de infância, de lugares que gostariam de visitar. Jejo se surpreendeu ao ouvir Ayumi falar de quando era criança e queria ser astronauta. Ela riu disso como se fosse uma besteira. Mas ele achou lindo.

E antes que ela pudesse mudar de assunto, ele disse:

– Você ainda pode. Ir pra longe. Mesmo que não seja no espaço. Você tem essa energia.

Ela ficou olhando pra ele. Não com aquele olhar provocativo de antes. Mas como se estivesse sendo lida. Como se, pela primeira vez em muito tempo, alguém visse uma versão dela que ela mesma tinha esquecido.

– Às vezes acho que sou só um monte de energia mal canalizada – ela murmurou.

– E mesmo assim, toca nos outros. Como agora.

O silêncio voltou. Mas dessa vez, não era desconfortável.
Era cúmplice.

Na saída, a chuva tinha cessado. Jejo colocou as mãos nos bolsos, tentando manter a compostura. Ayumi caminhava ao lado, passos mais lentos do que o habitual.

– Ei – ela disse, antes de virarem a esquina. – Obrigada por hoje.

– Eu que agradeço.

– Não. Eu falo sério. Tem dias que eu me sinto vazia mesmo rodeada de gente. Mas hoje, com você, foi... cheio. A palavra o acertou em cheio.

– Ayumi... – ele começou, mas não terminou.

Ela apenas sorriu, deu dois passos para trás e acenou.

– Não precisa dizer nada. Às vezes o silêncio já fala alto. E foi embora.

Jejo ficou ali, parado.

O toque da mão dela ainda pulsando nos seus dedos. O olhar dela ecoando nos seus pensamentos. E uma certeza nova acendendo dentro do peito:

Ela sente. Talvez confusa, talvez machucada. Mas sente. E agora, ele sabia.

Agora, ele acreditava.

Capítulo 6 — As Palavras Que Quase Foram

Ayumi,

talvez você nunca leia isso,
mas se algum dia essa folha tocar suas mãos,
quero que saiba que não estou te pedindo nada.

Só queria que você soubesse que,
no silêncio que a gente dividiu naquele café,
eu ouvi mais do que palavras.

Ouvi teu cansaço.

E tua coragem de não desistir mesmo doendo.

Vi teus olhos lutando pra continuar sorrindo
quando a alma estava escorrendo pelas bordas.

Você tem cheiro de liberdade,
mas carrega os pulsos marcados de correntes invisíveis.

E mesmo assim, você me estendeu a mão.

Esse gesto, Ayumi,
me deu esperança.

E medo também.

Porque agora eu tenho algo a perder:
A ilusão de que você sente o mesmo.

Jejo parou de escrever. Ficou olhando para aquelas palavras como se elas tivessem sido tiradas do próprio sangue. Sentia-se nu. Expôr aquilo seria se entregar inteiro sem garantia de retorno.

Falar ou não falar?

Ele dobrou a carta. Guardou numa caixa com outras folhas escritas em madrugadas silenciosas. Cartas que talvez jamais tivessem um destinatário real.
E foi dormir. Ou melhor: deitou-se e tentou convencer o corpo a parar de tremer.

Nos dias seguintes, Ayumi voltou a aparecer. Uma mensagem aqui, um encontro casual ali. Jejo começou a perceber que ela o incluía aos poucos na rotina dela, como quem abre espaço sem alarde. Uma tarde, ela o chamou para acompanhá-la a uma feira de arte no subúrbio da cidade. Noutra, pediu sua opinião sobre um poema aleatório que leu num livro de Bukowski.
Ela sorria mais quando estava com ele. Mas nunca dava nenhum passo além.

E Jejo se perguntava: é o jeito dela? Ou é medo igual ao meu?

Ele caminhava com o coração tenso.

Em cada conversa, via uma chance de abrir o jogo.

Mas no último segundo, sempre recuava.

Porque o medo não era de não ser correspondido.

Era de estragar algo bonito e silencioso com a bagunça de palavras mal colocadas.

Numa noite mais fria, Ayumi o convidou para subir até o terraço do prédio dela.

– Quero te mostrar um lugar onde o barulho do mundo não chega – disse ela, com um olhar cúmplice.

Lá em cima, a cidade era só um monte de luzes miúdas e distantes. Um universo paralelo feito de prédios e saudade.

Jejo se encostou na mureta. Ayumi sentou ao lado, puxou uma garrafa de vinho da mochila e duas taças de plástico.

– Um brinde ao silêncio que aproxima – ela disse, batendo levemente as taças.

Jejo sorriu. Bebeu. E sentiu o coração começar a gritar.
A hora é agora.

Diz. Fala. Entrega. Confessa.

Mas tudo o que saiu foi:

– Você é uma tempestade bonita, Ayumi.

Ela franziu o cenho, surpresa.

– Isso é bom?

– É... intenso. Assustador. Mas bonito.

Ela olhou para o céu, depois para ele.

– E você é o tipo que escreve sobre tempestades?

– Escrevo sobre o que me atravessa.

Ela ficou em silêncio. Jejo engoliu o que queria dizer.

Ele poderia ter entregado a carta naquele momento.

Poderia ter dito: “eu gosto de você”, sem floreios.

Mas não disse.

Porque, de novo, ele temia que o toque sutil que os unia fosse embora com a pressão do que ainda não tinha nome.

Naquela noite, ao voltar pra casa, escreveu outra carta.

Carta 2:

Eu quis te dizer hoje.

Tava tudo certo pra sair. A frase já tava na garganta.

Mas teus olhos me pediram mais tempo.

E eu respeitei.

Mas saiba:

Tem um universo inteiro esperando dentro de mim pra te alcançar.

Só não sei se você quer ouvir o barulho de tudo isso.

Ou se o silêncio ainda é teu refúgio.

Dobrou a folha. Colocou na caixa.

E, dessa vez, chorou.

Não de tristeza. Mas de angústia.

De viver carregando algo grande demais e não saber onde pousar.

Os dias seguintes foram cheios de encontros curtos e gestos gentis.

Um bombom que ela deixou no bolso dele com um bilhete:

“pra quando o dia parecer mais ácido do que doce.”

Uma playlist enviada no meio da madrugada:

“ouvi e lembrei de você.”

Pequenos sinais. Fragmentos.

E Jejo, no meio disso tudo, se perguntava se esses gestos eram afeto ou distração.

O dilema continuava.

Falar ou não falar?

E então veio o momento que bagunçou tudo.
Um dia, Ayumi se atrasou para o encontro combinado.
Jejo esperou quarenta minutos, depois foi embora. No caminho de volta, recebeu a mensagem:

“Desculpa. Tive um daqueles dias em que o mundo pesa demais. Tô me recolhendo. Não foge de mim, tá?”

Jejo leu aquilo como um pedido. Um pedido de alguém que, mesmo bagunçada, não queria perdê-lo.
Mas o que fazer com isso?
Ele queria correr até ela, abraçar, dizer tudo de uma vez.
Mas e se ela não estivesse pronta?
Então escreveu a terceira carta.

Carta 3:

Eu não vou fugir.

Mesmo que você corra, eu fico.

Mesmo que você desabe, eu seguro.

Mesmo que eu nunca seja teu amor,

Eu quero ser teu alívio.

Mas... me diz.

***Existe algum lugar aí dentro
onde eu posso existir?***

Dobrou. Guardou.

Mais uma vez, não falou.

Mas estava cada vez mais perto.

Como um grito que já tocava os lábios.

E Ayumi? Continuava presente, leve, gentil, confusa.
Era como se o tempo entre eles estivesse em contagem
regressiva.

Naquela noite, Jejo sonhou com ela.

No sonho, ela lia suas cartas, uma a uma.

Não dizia nada. Só chorava.

E no fim, sorria. E dizia:

– Eu sempre soube. Só não sabia o que fazer com isso.
Quando acordou, Jejo sentiu que o dilema ainda não
tinha resposta.

Mas talvez, só talvez...

o silêncio já estivesse falando por ele.

Capítulo 7 — Mesmo Que Ela Não Saiba

Jejo não dormiu.

O mundo lá fora podia até descansar, mas a mente dele era um farol piscando em ritmo acelerado. E cada pensamento tinha o nome dela. Ayumi.

Era como se ela tivesse se alojado em cada fresta do cérebro dele. No teto branco do quarto, no canto da janela, até nas dobras do cobertor. Jejo a sentia. Sentia sua ausência e sua presença ao mesmo tempo. E era isso que o deixava à beira da insanidade: como alguém que não era dele podia ocupá-lo tanto?

A noite foi longa, mas o dia seguinte prometia mais.

Havia combinado de encontrar Ayumi novamente — mais um daqueles encontros casuais que fingiam não ter intenção alguma. E tudo bem. Ele aceitaria qualquer pretexto. Estaria lá. Sempre estaria.

— "Hoje eu falo." — Ele murmurou para si mesmo no espelho, como quem treina uma confissão.

Mas Jejo já tinha dito isso antes. Umas vinte vezes nos últimos meses.

Vestiu uma camisa branca, ajeitou o cabelo do jeito mais bagunçadamente natural que conseguiu e tentou sair com o coração no peito. Mas ele estava nas mãos, trêmulo, exposto.

Chegou ao parque quinze minutos antes da hora. Ela atrasou vinte. E mesmo assim, ele sorriu.

— Jejo! — Ayumi chegou ofegante, linda, como sempre. Vestia uma blusa verde que fazia seus olhos brilharem ainda mais.

— Eu pensei que você não viria. — Ele disse, em tom leve, mas carregado de alívio.

— E perder esse pôr do sol contigo? Jamais. — Ela piscou, e Jejo sentiu como se o mundo parasse por alguns segundos.

Sentaram-se na grama, lado a lado. O sol estava se pondo com uma lerdeza quase poética.

Ayumi falava sobre um novo projeto, sobre viagens, sobre querer se descobrir mais. Jejo só ouvia. Ele a observava falar com o entusiasmo de quem acreditava no impossível. E isso era lindo. Porque Ayumi tinha esperança no olhar. Era diferente dele, que duvidava do próprio valor todos os dias.

Em um momento, ela olhou fundo nos olhos dele e perguntou:

— Jejo... você tá bem? De verdade?

Ele hesitou. Ela era boa em ver além das máscaras. Ele respirou fundo, olhou para o céu e depois de volta para ela.

— Tô... meio confuso. Mas sim, tô bem.

Mentira. Não estava. Ele estava quebrado. E parte da confusão tinha nome, rosto e estava sentada ao seu lado.

Ayumi sorriu. E sem perceber, encostou a cabeça no ombro dele. Jejo congelou. Cada célula do seu corpo vibrou.

— Gosto de estar perto de você, sabia? — Ela disse, como se não soubesse o impacto das palavras.

— Eu também... gosto de você. — Ele respondeu, rápido demais. E tentou corrigir. — Digo, gosto da sua companhia, da sua vibe...

Ela levantou a cabeça e olhou de novo. Aqueles segundos foram silenciosos, mas barulhentos por dentro. Ele pensou que talvez... talvez ela tivesse entendido.

— Você é especial, Jejo. Mesmo que você não saiba. — Ela sorriu de um jeito doce, quase fraternal.

E foi aí que Jejo entendeu: talvez ela realmente não soubesse.

Ou pior: talvez soubesse... e fingisse que não. De volta em casa, Jejo escreveu. Escreveu como quem precisa esvaziar o coração para não transbordar.

***“Mesmo que ela não saiba...
eu sinto.***

***“Mesmo que ela não note...
eu sonho.”***

Nos dias seguintes, Jejo tentou se afastar. Tentou ser menos presente, menos disponível. Era como se ele precisasse testar o que a ausência dele causaria. Mas Ayumi não mudou. Ela continuava mandando memes, perguntando se ele já tinha tomado café, falando sobre o tempo ou sobre um novo livro. Era gentil. Era amiga.

E era isso que doía. Porque Jejo queria ser tudo, menos só o melhor amigo.

Certa noite, ele a viu por acaso. Ela estava no centro da cidade com outro rapaz. Pareciam próximos. Ele não conseguiu ver o rosto dele direito, mas o jeito como ela ria, como encostava a mão no braço do cara...

Jejo desviou. Não suportava ver. Voltou pra casa andando, cabeça baixa, coração esmigalhado.

Foi quando escreveu outro trecho:

***“Elá não me deve nada.
Nem explicações, nem olhares.
Mas eu... me devo um basta.
Ou um grito.
Ou um ato.”***

Dias depois, eles voltaram a se encontrar. Café, conversa solta. Jejo tentava sorrir. Ela, como sempre, era a luz no ambiente.

E quando Ayumi disse:

— "Jejo, queria te contar uma coisa, mas não sei como você vai reagir..."

Ele soube. Sentiu o chão faltar.

- Diz... — Ele respondeu, se preparando para o soco.
- Tô meio que começando a sair com alguém. Não é nada sério ainda... mas eu queria que você soubesse.

Jejo engoliu seco.

- Claro. Fico feliz por você. De verdade.

Mentiu.

Mas não era o momento de atrapalhar a felicidade dela com a dor dele.

E naquela noite, sozinho, Jejo fez o que fazia de melhor: escreveu.

“Ela merece ser feliz.

Mesmo que não seja comigo.

E eu mereço me libertar.

Mesmo que isso signifique ir embora.”

No final do capítulo, Jejo decidiu fazer o impensável: parar de escrever sobre Ayumi.

Porque, talvez, amar também seja saber calar.

Mesmo que o coração grite.

Capítulo 8 — Diálogos Profundos

A noite caiu como quem entende segredos. Silenciosa, sem avisos, mas carregando nas estrelas um convite para tudo aquilo que só se revela depois do escuro.

Jejo não sabia como aconteceu, mas eles estavam ali de novo. Sentados lado a lado. Sozinhos. Era um banco de praça qualquer, num lugar qualquer, mas aquela noite parecia feita sob medida para os dois.

O céu estava limpo, e o mundo parecia menos exigente. Ayumi bebia um chá gelado de frutas vermelhas — daqueles que ela mesma fazia, com jeitinho de alquimista moderna. Jejo, como sempre, se contentava em observá-la.

— Por que você sempre parece estar pensando em alguma coisa? — Ayumi perguntou, encostando o ombro no encosto de madeira e virando o rosto em direção a ele.

— Porque eu tô. Sempre. — respondeu com um sorriso curto, como quem carrega um universo dentro, mas mostra só um mapa rasgado por fora.

Ela se ajeitou no banco, cruzou as pernas, apoiou o copo no chão e olhou diretamente nos olhos dele.

— Me conta uma coisa que você nunca contou pra ninguém.

A pergunta veio assim. Cravada. Seca. Direta. E Jejo congelou por dentro.

- Tipo o quê?
- Tipo algo seu. Uma lembrança, uma dor, um medo... qualquer coisa. Sem máscaras.

Jejo respirou fundo. Olhou pro céu. Depois pro chão. Sentiu as palavras brigando dentro de si.

— Quando eu tinha quatorze anos, comecei a escrever sobre uma garota. Ela nunca soube. Eu criei um mundo inteiro em torno dela. Tudo era ficção, mas tudo era real. Um dia, alguém achou os textos e espalhou. Fui ridicularizado por meses na escola. Desde então... aprendi a esconder as coisas que eu sinto.

Ayumi não disse nada. Só o olhou. Com aqueles olhos que não julgavam. Que apenas acolhiam.

— E você? — Jejo rebateu. — Me conta algo que você esconde de todo mundo.

Ayumi ficou em silêncio por um tempo. O tipo de silêncio que pesa.

— Eu sou cercada de gente o tempo todo, Jejo. Todo mundo diz que gosta de estar perto de mim. Mas, às vezes, quando tô sozinha, eu sinto como se ninguém realmente me enxergasse. Como se eu fosse só um holograma animado... Bonita, simpática, mas sem forma de verdade.

Ela deu uma risada baixa e desconfortável.

— Tem dias que eu me olho no espelho e penso: “quem é você, de verdade, Ayumi?”

Jejo sentiu um nó na garganta. Aquela era a primeira vez que ela falava assim. Crua. Sem filtros. Sem aquele brilho constante nos olhos.

— Você é real. Mesmo quando duvida disso.

Ela olhou pra ele, de novo. Mas agora havia outra coisa no ar. Não era tensão romântica ainda. Era algo mais raro. Era conexão.

— Obrigada por dizer isso. — murmurou. — Às vezes, eu preciso ouvir que existo pra alguém.

— Você existe pra mim há mais tempo do que imagina. — ele pensou. Mas não disse. Engoliu a frase como quem engole uma última chance.

— E o que mais você escreve, Jejo?

— Escrevo sobre o que me falta. Sobre o que não consigo ter. Sobre o que guardo. E... — ele parou por um segundo — sobre pessoas que nunca saberão o quanto significam.

Ayumi encostou a cabeça no ombro dele, pela segunda vez na história dos dois. Só que dessa vez, ela ficou mais tempo ali. Como se o mundo tivesse permitido esse gesto sem culpa.

— Às vezes eu queria desaparecer por uns dias — ela disse. — Não sumir por inteiro, só... sair de cena.

Descansar de ser eu mesma.

— Eu te entendo. Quase todo dia penso nisso. Mas a gente não tem pra onde ir. Então, a gente escreve. Ou bebe chá. Ou senta em bancos de praça. Fingindo que está tudo bem.

Ela riu. E chorou um pouco. Ao mesmo tempo. E Jejo, pela primeira vez, viu Ayumi desmontar sem medo.

— É engraçado como a gente se mostra pra todo mundo de um jeito, mas por dentro somos bem diferentes, né?

— A maioria das pessoas só enxerga a moldura.

Raramente alguém tenta ver o quadro todo.

Ayumi levantou o rosto, enxugou uma lágrima com as costas da mão.

— Você é o único cara com quem eu consigo ter essas conversas, sabia?

— E ainda assim... você está com outro. — pensou Jejo, mas preferiu ficar em silêncio. Porque aquela noite não era pra feridas. Era pra verdades.

Ela se levantou devagar, como se sentisse que havia revelado demais.

— Vamos andar um pouco?

Caminharam pela rua, que já se preparava para dormir. As luzes amareladas dos postes iluminavam seus passos lentos. Não falavam muito agora. Mas aquele silêncio... era cúmplice.

Ao chegar perto do ponto de ônibus, Ayumi parou. Virou pra ele.

- Você tem medo do futuro, Jejo?
- Tenho. Muito.
- Do quê, exatamente?

Ele pensou por alguns segundos.

- De continuar sentindo tudo sozinho. De passar a vida sendo invisível pros olhos de quem eu mais vejo.

Ayumi fechou os olhos por um instante, como se aquele golpe tivesse atingido algo dentro dela.

- Eu também tenho medo. De me perder no meio de tanta gente. De nunca ser amada por quem eu realmente sou, e só por aquilo que aparento ser.

O ônibus chegou. Ela hesitou.

- A gente vai se ver amanhã? — perguntou.
- Só se você quiser. — ele respondeu.
- Eu quero.

E entrou. O ônibus partiu, e Jejo ficou olhando. Como sempre. De longe. Amando sem rótulo. Sentindo sem resposta.

Naquela madrugada, Jejo voltou a escrever. Mas dessa vez, não era só dor. Havia algo novo ali: intimidade. Não física. Não romântica. Mas real. Conectada.

“Ela começou a me mostrar partes dela que o mundo não vê.

E eu? Eu segurei cada parte com o cuidado de quem carrega cristais nas mãos.

Mesmo sem saber se algum dia poderei chamá-la de ‘minha’.”

Capítulo 9 — Surpreendentemente com ela na madrugada

O relógio piscava 03:12 em neon fraco no canto da tela do celular. Jejo já tinha escrito e reescrito a mesma frase cinco vezes, e nenhuma parecia certa. Ele não sabia exatamente o que estava tentando dizer, mas sentia que se não colocasse pra fora agora, perderia alguma coisa importante.

Estava pronto pra fechar o notebook quando o celular vibrou.

Ayumi:

"Você tá acordado?" (O coração dele deu um sobressalto. Leu a mensagem três vezes. Nunca tinham se falado naquela hora.)

Jejo:

"Tô. Tá tudo bem?" (Segundos depois, outra vibração.)

Ayumi:

"Posso te ligar?" (Não deu tempo de responder. O toque veio, direto. Atendeu antes mesmo do primeiro som completar.)

— Jejo... — a voz dela soava trêmula, baixa, como quem sussurra debaixo de um cobertor.

- Tô aqui.
- Desculpa ligar assim. É que... eu precisava falar com alguém. Com você.
- Aconteceu alguma coisa?

Ela respirou fundo. Silêncio por alguns segundos. Depois veio a avalanche:

— Hoje foi aniversário da minha mãe. E eu nem consegui ir até ela. Faz sete anos que ela faleceu, mas todo ano, nessa data, eu me sinto... pequena. Incompleta. Eu tentei ser forte o dia todo, mostrar meu melhor lado, manter o ritmo. Mas agora que tudo tá quieto... parece que tá tudo gritando dentro de mim.

Jejo engoliu em seco. Não esperava aquilo. Ayumi sempre falava da mãe como uma lembrança bonita, mas nunca entrava nos detalhes.

— Você não precisa fingir força comigo. Nunca. — ele disse, com a voz baixa, mas firme.

Ela não respondeu de imediato. Havia lágrimas na linha invisível que os ligava.

— Você sabe como é, Jejo... esse vazio que não dá pra explicar. Essa saudade que não avisa, só chega e toma tudo.

— Eu sei. Perdi meu pai cedo. E, de alguma forma, nunca deixei de buscar ele nas pessoas que chegam. Sempre esperando que alguém me abrace como ele fazia.

Ayumi chorou. Mas dessa vez, não tentou esconder.

— Eu tô tão cansada de carregar tudo sozinha, Jejo...

— Então deixa eu carregar um pouco com você. Nem que seja só hoje. Nem que seja só essa madrugada.

Silêncio. Denso. Mas confortável.

— Você já se sentiu... deslocado mesmo estando no seu lugar preferido? — ela perguntou.

— O tempo todo. É como estar em casa, mas sem se sentir em casa dentro de si.

— Exato. Às vezes, tô cercada de amigos, de gente rindo, de música alta... e mesmo assim, parece que minha alma ficou em outro cômodo.

Jejo suspirou. Pegou o caderno ao lado da cama e começou a escrever sem pensar.

— Tá escrevendo?

— Tô.

— Sobre mim?

— Sempre.

Ela riu baixinho, e a risada soou como uma cicatriz que se revela sem vergonha.

— Você me assusta às vezes, Jejo.

— Por quê?

— Porque parece que você me entende mais do que eu mesma. Como se conseguisse ver além da pose, do riso, do caos.

— Talvez porque eu também seja feita de caos.

— Ou talvez porque você me espere no caos.

Essa frase o desarmou por completo. Ele anotou, sem nem perceber. Era título. Era confissão. Era premonição.

— Você não é o que finge ser, Ayumi.

— E você não é o que o mundo acredita que é, Jejo.

Os dois ficaram em silêncio por longos segundos. O tipo de silêncio que ninguém quer interromper. Que fala mais do que qualquer palavra.

— Se eu te pedisse pra vir aqui agora, você viria? — ela perguntou, de repente.

Jejo sentou na cama, o coração batendo mais rápido.

— Agora?

— Sim. Tô no terraço do meu prédio. Sozinha. Com frio. E... com medo. Medo de mim, das lembranças, das perguntas sem resposta.

— Me manda o endereço.

— Você viria mesmo?

— Já tô calçando o tênis.

Ela mandou. E ele foi. Sem pensar muito. Sem se preocupar com o amanhã. Sem saber se aquilo era certo. Só sabia que era necessário.

04:04 da manhã. O céu ainda escuro, mas dando sinais tímidos de que em breve começaria a mudar de cor. Jejo chegou ao prédio. Ayumi estava lá em cima, no terraço, envolta num cobertor azul escuro e segurando uma caneca de chá.

Ela sorriu ao vê-lo. Um sorriso triste. Mas real.

— Você veio.

— Sempre viria.

Ela se aproximou e o abraçou. Pela primeira vez. De verdade. Um abraço longo. Quente. Cheio de dores não ditas.

— Eu não consigo mais fingir que tô bem — confessou, com o rosto enterrado no ombro dele.

— Não precisa fingir comigo. Eu vim pra ser abrigo, não pra ser plateia.

Sentaram num tapete velho que ela tinha estendido no chão. A cidade lá embaixo parecia adormecida, mas ali, naquele terraço, havia vida pulsando.

— Sabe... às vezes eu tenho medo de que, se alguém realmente me conhecer, vá embora. — disse ela, encarando o horizonte.

— Eu tenho medo do contrário. De ninguém nunca me conhecer de verdade, e eu acabar virando só uma versão editada de mim mesmo.

Ela o olhou. Por alguns segundos, como quem tenta descobrir um segredo no fundo dos olhos.

— Você é intenso, Jejo.
— E você é um turbilhão.
— Será que a gente combina?

Ele sorriu, meio sem saber se era brincadeira ou pergunta real.

— Talvez sim. Mas isso assusta, né?
— Muito.

Ela encostou a cabeça no ombro dele. De novo. Só que agora, não havia peso. Havia entrega.

— Eu tô me apaixonando por você, Jejo. E isso bagunça tudo. Porque eu nem terminei de entender quem eu sou.

O mundo parou.

Ele sentiu o peito esquentar, o ar faltar, a alma vibrar.

— Eu não sei o que dizer...
— Não precisa. Só fica aqui. Só me escuta. Só me deixa ser frágil por uma noite.

E ele ficou. Com o coração a mil. Com os olhos úmidos. Com a certeza de que aquela madrugada mudaria tudo. Amanheceu devagar. Como se o sol tivesse receio de interromper aquele instante raro. Ayumi adormeceu ali, ao lado dele, ainda com a cabeça em seu ombro. E Jejo, pela primeira vez em anos, sentiu paz. Não porque tinha respostas. Mas porque, enfim, havia alguém que perguntava de volta.

*“Naquela madrugada, ela se abriu como nunca.
E eu percebi que o que nos une não é a certeza,
mas o caos que compartilhamos em silêncio.”*

Capítulo 10 — Ciúmes

Aquela madrugada havia mudado tudo.

Ou talvez... tivesse mudado só Jejo.

Nos dias que seguiram, ele passou a viver em estado de alerta. Cada mensagem de Ayumi, cada silêncio dela, cada detalhe que antes ele ignorava, agora virava campo minado. A confissão dela ainda ecoava:

"Eu tô me apaixonando por você."

Mas... e depois? Nada mais foi dito. Nem um “sobre aquilo que eu falei”, nem um “vamos conversar sobre nós”. Ela voltou ao seu ritmo costumeiro. As conversas continuaram, mas com a mesma leveza de antes.

Leveza que agora, pesava demais pra ele.

Jejo começou a se questionar se aquela entrega tinha sido real ou só reflexo de uma madrugada de vulnerabilidade. E quando o coração começa a duvidar do que viu, a mente trata de sabotar o resto.

Foi numa tarde abafada de quarta-feira que tudo começou a sair dos trilhos. Jejo entrou no campus da universidade com os fones de ouvido no último volume, numa tentativa falha de silenciar os pensamentos. Mas logo os olhos foram capturados por uma cena que travou tudo por dentro: Ayumi, sentada na escadaria da biblioteca, rindo alto com um cara alto, tatuado, camisa cinza e aquele olhar de quem sabe o efeito que causa.

Jejo parou. Fingiu que não viu. Mas viu. Viu demais. Ela não tinha feito nada de errado. Não estava em nada comprometedora. Mas aquilo o atingiu como um soco invisível.

Como se, de repente, ela tivesse voltado a ser de todo mundo. Menos dele.

O resto do dia foi um teatro.

Respostas curtas, distraídas. Nenhum “você tá estranho?” por parte dela.

E à noite, Jejo não aguentou:

Jejo: "Curtiu o papo com o tatuado lá na escada hoje?"

A resposta demorou. Mas veio:

Ayumi: "Você tá me espionando agora?"

Jejo: "Só vi. Não precisa se defender. Tava nítido o quanto você tava se divertindo."

Ayumi: "E se eu tava? A gente é o quê, Jejo? Eu posso rir com quem quiser, não posso?"

A dor veio seca. E rasgou fundo.

Jejo: "Pode. Claro que pode. Esquece!"

E ele sumiu por dois dias.

Nesse intervalo, Ayumi também não procurou. Jejo sentiu como se estivesse vivendo em dois mundos — um onde ela se abriu, se entregou, mostrou sua verdade... e outro, onde ela era intocável, livre, distante.

No terceiro dia, eles se esbarraram num dos corredores do centro cultural. Ela estava com o mesmo cara. De novo.

E o cara, ao notar o olhar de Jejo, sorriu debochado, como se soubesse.

Jejo passou direto. Coração em frangalhos. Orgulho em chamas.

Mais tarde, recebeu uma mensagem inesperada.

Ayumi:

"A gente precisa conversar."

Sentaram no banco ao lado do jardim velho, onde flores cresciam misturadas ao concreto rachado. Era o mesmo banco da primeira conversa deles. O lugar onde tudo começou.

— Por que você se afastou? — ela começou, direta.

— Porque você confundiu tudo.

— Eu confundi?

— Sim. Você se abriu comigo numa madrugada, me fez acreditar que tava nascendo algo real... e depois simplesmente voltou a ser a mesma de sempre. Como se nada tivesse acontecido. Eu fiquei me sentindo um idiota.

— Jejo... você acha que eu menti naquela noite?

— Eu não sei. É isso que tá me matando.

Ayumi ficou em silêncio por um tempo. Depois olhou fixamente pra ele.

— O que você queria que eu fizesse? Que eu me jogasse nos teus braços no dia seguinte e dissesse “agora somos um casal”? Você sabe o que eu carrego. Sabe o quanto tenho medo. Sabe o quanto fui quebrada.

— E eu? Não carrego nada, é? Você acha que pra mim é fácil sentir isso tudo e não saber o que fazer?

— Mas você não me perguntou. Só presumiu. Só sentiu ciúmes. Só me afastou.

— E você não me procurou.

— Porque eu não sabia se você queria ser procurado ou esquecido.

As palavras pairaram no ar, afiadas.

Os olhos dela estavam molhados. Mas não de raiva. De tristeza.

— Sabe, Jejo... tem dias que eu só preciso que alguém insista em mim. Mesmo quando eu faço de tudo pra afastar.

— E tem dias que eu só queria que você me dissesse “fica”, mesmo sem certeza do que sente.

Ayumi respirou fundo.

— O tatuado da escada é o Thiago. Ele é meu amigo. Só isso. Ele já teve coisa comigo no passado. Mas faz muito tempo. Hoje ele é só alguém que me entende. Mas ele nunca me ouviu como você. Nunca me atravessou como você.

Jejo, você me desmonta. E isso me apavora.

— E você me reergue. E isso me confunde.

O tempo ficou lento.

A mágoa ainda estava lá. Mas havia algo mais forte: o desejo de não perder.

Ayumi se aproximou devagar. Pegou na mão dele.

— Se a gente for se machucar, que seja juntos. Mas se for pra tentar... que a gente não tente pela metade.

Jejo olhou pra ela como quem vê um espelho, mas com reflexo invertido: ela era tudo que ele não era. E ainda assim, tudo o que ele queria ser perto.

— Eu não sei amar leve, Ayumi. Eu sou tempestade.

— Então me deixa ser tua brisa. E às vezes, tua ventania também.

Eles se abraçaram ali. De novo. Mas agora com uma dor aliviada. Uma reaproximação tímida, imperfeita, real.

No caderno dele, naquela noite, Jejo escreveu:

*"Ela voltou. Não como antes, mas com os olhos certos.
Com a coragem que eu não pedi, mas que precisava.
E eu percebi que o amor, às vezes, vem no susto.
E fica. Se a gente deixar."*

Capítulo 11 — Jejo escreve cartas nunca entregues

A paz que veio depois da reaproximação com Ayumi era frágil. Tipo daquelas que só existe se ninguém tocar no assunto. Não falavam mais da noite do jardim, nem da conversa cortante. Riam, mandavam áudios no meio da tarde, se esbarravam no campus, e fingiam que estava tudo leve.

Mas não estava.

Porque dentro de Jejo, nada nunca foi leve por muito tempo.

Ele voltou a sonhar com ela. Com os olhos dela. Voltou a imaginar o som da risada antes de dormir. E voltou também a escrever — como um desabafo mudo, um grito que não queria eco.

Foi aí que começaram as cartas. Sim, cartas. No meio de uma era digital, Jejo decidiu abrir seu coração em papel.

Mas jamais entregou uma sequer.

1^a Carta — “Se eu pudesse pedir um gesto só teu”

Ayumi,

Eu não sei se você sente o mesmo. E talvez esse seja o maior veneno de gostar em silêncio: a incerteza.

Queria te pedir um gesto. Um só. Que dissesse: “fica”.

Mas eu sei que você tem os teus próprios monstros. E que às vezes, teu silêncio é só sobrevivência.

Eu só queria ser teu abrigo.

Mesmo que só por uma noite.

— Jejo

Ele dobrou o papel em quatro, colocou numa caixa de sapato e escreveu a data.

“29 de abril — 00h13”

2^a Carta — “Se você me quiser, me avisa devagar”

Ayumi, Hoje eu te vi de longe, andando pelo corredor da biblioteca. Teus cabelos estavam soltos e você mexia nas páginas de um livro qualquer como quem mexe nas certezas do mundo.

Eu queria chegar perto e dizer: "olha, eu tô aqui... ainda aqui". Mas fiquei quieto.

E depois fui pra casa pensando:

“Se ela me quiser um dia, que seja devagar. Mas que me avise. Porque esperar sem sinal, cansa.”

— Jejo

Essa ele rasgou no mesmo dia. Mas salvou o conteúdo no bloco de notas.

3^a Carta — “Você é caos... mas dos bons”

Ayumi,

Eu tentei te encaixar na lógica.

*Tentei entender teu jeito livre, tua mania de desaparecer,
tua risada na hora errada, tua fuga toda vez que o
sentimento começa a doer.*

Mas não deu.

Você não é lógica.

Você é caos. Mas dos bons.

*Daqueles que bagunçam tudo, mas ainda assim a gente
agradece por ter vivido.*

*Eu não sei se você sente o mesmo, mas se sentir... por
favor, só não me solta sem dizer por quê.*

— Jejo

Essa foi escrita à mão, com caneta azul, e dobrada com cuidado. Ele quase entregou. Chegou a colocar no bolso quando ia encontrá-la no fim de semana. Mas quando a viu, sorrindo do outro lado da praça, segurando um copo de chá gelado e falando alto com amigas, ele não teve coragem.

Volto pra casa e colocou a carta dentro do livro favorito: Dom Casmurro.

Ele achava irônico guardar uma carta de amor dentro de um romance sobre dúvidas.

As cartas se tornaram rotina. Como se fossem conversas que Jejo travava consigo mesmo. Desabafos que ele nunca tinha certeza se Ayumi aguentaria ouvir. Ou se ela entenderia.

O tempo foi passando e, por mais que estivessem próximos, havia um silêncio pesado entre eles. Uma pergunta que nenhum dos dois tinha coragem de fazer:

“O que a gente é?”

Numa madrugada fria, Jejo acordou com o peito apertado. Sonhara que Ayumi partia. Ela entrava num ônibus, desaparecia na estrada e deixava um bilhete preso no banco:

"Você esperou demais pra dizer o que sentia. Eu me cansei de não saber."

Acordou suando. Coração disparado. Sentou na cama. Pegou o caderno. Escreveu mais uma carta.

4^a Carta — “Talvez eu te ame, mas ainda tô descobrindo como”

Ayumi,
Hoje eu sonhei que você ia embora.
Acordei sufocado.
Eu não sei se isso é amor.

*Mas sei que é forte demais pra ser só amizade.
Quando você me chama de "meu caótico", meu dia
melhora. Quando você me ignora por horas, meu dia
afunda.
Eu fico esperando um sinal teu, mas você nunca manda.
E eu não sei se isso é teu jeito ou tua defesa.
Talvez eu te ame. Mas ainda tô descobrindo como.*

— Jejo

Essa carta ele não escreveu em papel.
Gravou num áudio.
Mas apagou antes de mandar.

Naquela mesma semana, Ayumi o chamou para um piquenique simples no campus. Levaram biscoitos, livros e falaram sobre tudo — menos sobre eles. Quando o sol começou a cair, Ayumi o olhou e disse:

— Jejo...
— Hm?
— Às vezes parece que você quer dizer algo, mas trava.
— E você também. — ele respondeu.

Ficaram em silêncio por segundos eternos.

— E se a gente parasse de esperar o momento certo? — ela soltou. Ele a olhou. Engoliu seco. Sorriu.

— Se eu te dissesse tudo, você continuaria aqui amanhã?

Ayumi não respondeu com palavras.
Deitou a cabeça no ombro dele.
Fechou os olhos.
E nesse gesto, Jejo sentiu que talvez... só talvez... ele não precisasse entregar carta nenhuma.
Ainda assim, naquela noite, ele escreveu mais uma.

5^a Carta — “Se isso for amor, então me deixa ficar”

*Ayumi,
Você deitou no meu ombro hoje.
Não disse nada.
Mas eu escutei tudo.
Escutei teus medos.
Teu jeito de me dizer que ainda não sabe, mas quer tentar.
Eu tô aqui.
Sem promessas.
Só presença.
Se isso for amor,
então me deixa ficar.
— Jejo*

Ele guardou essa carta com as outras.
Mas com uma diferença:
dessa vez, deixou o envelope aberto.
Como se, no fundo, esperasse que ela encontrasse um dia.

Capítulo 12 — A partida

Aquela noite parecia comum.

Uma terça-feira qualquer, com céu limpo e cheiro de pipoca vindo das barracas do centro da cidade.

Jejo e Ayumi tinham se encontrado sem planejar — como tantas outras vezes.

Mas algo nela estava diferente.

O olhar um pouco mais perdido.

O riso mais contido.

Como se dentro dela morasse uma notícia tentando escapar.

Caminharam por uma rua estreita, iluminada por postes antigos.

Silêncio.

Até que ela parou.

— Jejo... preciso te contar uma coisa.

O tempo pareceu parar.

Como se até os grilos e carros ao longe ficassem em suspense.

— Diga. — ele respondeu, tentando soar tranquilo.

Ela hesitou.

Olhou pro céu como quem busca coragem nas estrelas.

— Eu... vou embora.

- Como assim? — ele piscou.
- Conseguí uma bolsa. Um intercâmbio. Uma oportunidade única.
- Ah... — Jejo respondeu, mas não foi um “ah” leve. Foi um soco abafado.

Ayumi respirou fundo.

- É pra fora do país.
- Pra onde?
- Japão. Tóquio. Seis meses... talvez um ano.

Um silêncio enorme se instalou.
Mas não era ausência de som. Era peso.
Jejo não sabia o que dizer.
Não podia impedir.
Não devia.
Mas tudo dentro dele gritava:

"Não agora. Não depois de tudo!"

Tentou manter o tom firme.
— E quando você ia me contar?

Ela abaixou o olhar.

— Hoje. Agora. Porque eu tava adiando. Queria fingir que o tempo ia parar pra nós dois.
Ele mordeu o lábio. Quase disse “fica”. Quase.

Mas disse outra coisa:
— Quando você parte?
— Semana que vem.

As palavras pareceram cair como chuva gelada no peito dele.

Naquela madrugada, Jejo escreveu uma última carta.
Mas dessa vez, diferente das outras, ele decidiu entregar.

Última Carta — “Seis meses, um ano, ou o tempo que for”

Ayumi,

Você vai.

E eu não posso te impedir.

Porque teu mundo é maior do que a gente.

Porque teus passos merecem liberdade.

Mas antes que você vá, eu preciso que saiba:

Eu fiquei.

Fiquei mesmo quando você sumia.

Fiquei quando tudo em mim dizia pra desistir.

E vou continuar aqui.

Seis meses. Um ano. Ou o tempo que for.

Não por promessa.

Mas por verdade.

Eu nunca entreguei as outras cartas.

Mas essa...

Essa eu preciso que leia.

— Jejo

Na manhã seguinte, Jejo encontrou Ayumi sentada perto da fonte do campus.

Sozinha. Com os olhos perdidos.

Sem dizer nada, entregou o envelope.

Ela leu ali mesmo.

Silenciosamente.

E quando terminou, guardou a carta no bolso e apenas disse:

— Você sente de um jeito bonito demais, Jejo.

— E você parte de um jeito que machuca bonito demais.

Ela riu com tristeza nos olhos.

— Promete que vai viver enquanto eu estiver longe?

Ele respondeu sem hesitar:

— Só se você prometer voltar.

Na semana seguinte, Jejo foi até o aeroporto.

Viu Ayumi embarcar.

Não chorou.

Mas no fundo... desabou.

Ficou parado ali, olhando os aviões sumirem no céu.

E naquele instante, percebeu que nem todas as despedidas precisam de palavras.

Algumas doem tanto que só o silêncio consegue explicar.

Capítulo 13 — Entre a Crise e o Colapso

Um ano.

Doze meses.

Quatro estações que vieram e foram, como se dançassem ao redor de um mesmo vazio.

Jejo marcava os dias sem perceber. Cada manhã era uma interrogação a mais no peito.

Ele ainda morava no mesmo apartamento, mas os quadros na parede estavam tortos. As plantas secaram. A estante estava repleta de livros não lidos — presentes de Ayumi que ele nunca conseguiu tocar.

Havia um tênis dela esquecido num canto. E ele nunca teve coragem de devolver.

Desde a partida, ele mergulhara num tipo de sobrevivência emocional: fingia funcionar, sorria para os amigos, mantinha o emprego, mas tudo parecia estar sendo feito por outra pessoa.

Não ele. Não o Jejo que sonhava, escrevia, sentia.

A crise veio devagar. Como uma gota que, insistente, fura a pedra.

Naquela terça-feira, exatamente um ano após o aeroporto, Jejo acordou mais vazio do que de costume. Abriu os olhos e sentiu uma dor no peito que não vinha de nenhum órgão — era uma dor existencial.

— O que eu tô fazendo aqui ainda? — murmurou para si mesmo.

Passou o dia em silêncio. Não respondeu mensagens, não atendeu ligações, não abriu e-mails. Apenas andou pela casa como um fantasma dentro de si mesmo. À noite, se olhou no espelho do banheiro e não se reconheceu. Olheiras profundas. Rosto pálido. Barba por fazer. E os olhos... ah, os olhos.

- Onde foi parar aquele cara? — sussurrou.
- Aquele que sonhava, que escrevia cartas, que sentia esperança até no caos.

Ele sentia que havia se traído. Que esperou demais. Que calou demais. Que não viveu o suficiente.

O diário do caos

Jejo, pela primeira vez em meses, abriu o antigo caderno de capa azul — aquele que usava para rascunhar seus pensamentos mais íntimos.

E escreveu:

"1 ano.

E não sei mais quem sou.

Não sei se esperei por amor ou por dor.

Se fui nobre ou tolo.

Tô com medo de ter criado tudo sozinho.

Tô com medo de que ela não volte.

Mas o pior de tudo...

É ter medo de mim.

Eu não me reconheço mais."

Fechou o caderno com força.
Como se aquilo pudesse impedir os pensamentos de escaparem.
Amigos que não sabiam como ajudar
Léo, seu amigo de infância, ligava toda semana.
Duda mandava mensagens engraçadas tentando arrancar sorrisos.
Mari — sempre sensível — deixou flores na porta da casa dele com um bilhete:

**“Não é vergonha sentir, Jejo.
Mas não se afogue sozinho.”**

Ele agradeceu a todos, mas não permitiu que ninguém entrasse de verdade. Talvez por orgulho. Talvez por medo de ser visto tão quebrado.

Sonhos estranhos

Na terceira noite após o “aniversário” da partida de Ayumi, Jejo teve um sonho perturbador. Estava correndo num campo cheio de névoa, procurando por ela. Chamava seu nome. Ayumi. Ayumi. Mas tudo o que encontrava era o eco da própria voz. No fim do sonho, ele parava diante de um espelho gigante no meio do campo. E o reflexo... não era ele. Era alguém sem rosto.

Acordou suando frio, coração disparado.
“Eu tô me perdendo”, pensou. “Tô me desfazendo.”

As cartas que não adiantaram

Releu todas as cartas antigas.
Doze, uma por mês.
Cartas que nunca mandou.
E percebeu algo cruel:
Todas falavam dela, mas nenhuma falava dele.
De suas dúvidas, de seus medos, de sua própria dor.
Ele havia se apagado por ela.
Esquecido de se cuidar esperando alguém voltar.
E ali, com as cartas espalhadas no chão, ele chorou pela
primeira vez em meses.
Não um choro bonito, melancólico.
Mas um choro feio.
Com soluços. Com raiva.
Raiva de si mesmo.
Raiva por ter calado tanto.

A conversa com Deus

Na madrugada, sentou na cama e, com os olhos fixos no teto, desabafou como se estivesse falando com Deus:

- Eu esperei.
- Eu confiei.
- Eu fui paciente.
- E agora? O que sobrou de mim?

Silêncio.

Mas dentro desse silêncio, uma pergunta ecoou:

“Você viveu por ela... mas você vive por você?”

A pergunta o cortou por dentro.

Porque ele sabia a resposta.

E era “não”.

Um passo para dentro

Na manhã seguinte, Jejo foi até um café antigo, onde costumava escrever.

Sentou num canto discreto, pediu um cappuccino e abriu um novo caderno.

Página em branco.

Nenhuma carta.

Nenhuma promessa.

Apenas ele.

E escreveu:

“Hoje eu começo de novo.

Mesmo sem saber como.

Mesmo sem saber se ela volta.

Porque eu preciso me reencontrar.

Não por orgulho.

Mas por sobrevivência.”

O início do recomeço

Não foi mágico.

Não foi imediato.

Mas foi real.

Naquela semana, Jejo marcou terapia.
Voltou a correr no parque.
Começou a se alimentar melhor.
Deixou de seguir Ayumi nas redes.
Não por raiva — mas por cuidado.
Porque toda vez que via uma foto dela em outro país,
algo dentro dele implodia.
Deu espaço para o luto.
Deu nome às dores.
Deu voz aos silêncios.
E ali, no meio do caos...
Jejo começou a se reconstruir.

Capítulo 14 — Novo Nome, Sem Aviso Prévio

Dois anos.

Setecentos e trinta dias desde o último abraço.

Desde o último olhar no aeroporto.

Desde a última frase de Ayumi — que ainda ecoava na cabeça de Jejo como uma nota que nunca se dissolia completamente:

“Talvez a gente se encontre de novo. Talvez não. Cuide do que você sente, Jejo.”

Ele tentou. Por Deus, ele tentou.

Depois da crise que o despedaçou por dentro, ele começou a reconstruir-se. Lentamente. Dolorosamente. A terapia virou parte da sua rotina. As caminhadas também.

Aos poucos, os dias deixaram de doer tanto.

Mas uma coisa ele nunca fez: se permitir de novo.

Não por orgulho. Mas por respeito a algo que, embora não dito, havia sido sagrado.

Ela apareceu sem avisar

Não Ayumi.

Mas Clara.

Professora de literatura contemporânea.

Amiga de um amigo.

Leitora voraz.
Olhos cor de mel.
E um jeito de escutar que fazia Jejo se sentir importante de novo.
Eles se conheceram em um clube de leitura. Um daqueles encontros mensais com café, livros e discussões acaloradas sobre personagens e finais alternativos.
Na terceira reunião, sentaram um ao lado do outro.
Na quarta, tomaram café após o evento.
Na quinta, ela perguntou sobre os textos dele.
Na sexta, leu dois.
Na sétima, elogiou com um brilho nos olhos que desmontou Jejo por dentro.

— Você escreve com o peito aberto — disse ela. — Isso é raro. Bonito.
Jejo sorriu, tímido.
Mas por dentro... um alerta acendeu.

A culpa tem cheiro de flor

Na semana seguinte, Clara deixou um girassol na mochila dele, junto com um bilhete:

“Teu texto me deixou leve. Só queria te agradecer por isso.”

Jejo segurou o bilhete com mãos trêmulas.
Sentiu o perfume do papel.
E imediatamente... sentiu culpa.

Como se estivesse traindo Ayumi.
Como se tudo que sentisse — mesmo que novo, mesmo
que inocente — fosse uma profanação da memória dela.
Ele passou aquela noite encarando o bilhete na mesa,
sem saber se sorria ou chorava.
E não conseguiu dormir.

Conflito interno

Nos dias seguintes, tudo ficou confuso.
Clara mandava mensagens engraçadas, compartilhava
livros, fazia perguntas profundas.
E Jejo respondia — mas com medo.
O medo não era de se apaixonar.
Era de permitir que algo bonito nascesse num coração
que ainda carregava luto.
Era de esquecer Ayumi... ou pior: substituí-la.
Na terapia, tentou explicar:

— Eu sinto que tô apagando ela — disse. — Como se ao
sorrir pra Clara, eu apagasse um pedaço do que vivi com
a Ayumi. E isso me fere. Muito.

A terapeuta, paciente, respondeu:

— Jejo... lembrar é uma coisa. Viver preso é outra.
— O amor não se apaga com outro amor. Mas o amor
precisa de espaço pra crescer.
— Você tá se punindo por estar vivo.
Ele chorou.

Mas ainda assim, não respondeu a última mensagem de Clara naquela noite.

Um encontro inevitável

Na semana seguinte, Clara apareceu no café onde Jejo sempre escrevia.

Ela não sabia que ele estaria lá.

Mas talvez soubesse, no fundo.

Se sentou à sua frente, com gentileza.

— Tô invadindo?

— Um pouco — ele sorriu. — Mas tudo bem.

Silêncio por alguns segundos. Depois, ela olhou nos olhos dele.

— Posso ser honesta?

— Por favor.

— Eu gosto de conversar com você. Muito.

— Mas sinto que tem algo em você que te impede de estar aqui... comigo. Mesmo quando você está.

Jejo abaixou os olhos.

Ela continuou:

— Não tô pedindo nada. Nem resposta, nem romance, nem certeza.

— Só queria saber se você sente medo... ou se sente culpa.

Ele engoliu seco.

— Culpa — respondeu, quase num sussurro.
Ela assentiu com a cabeça, como quem entende algo que já viveu.
— Quando eu perdi minha mãe, fiquei anos sem permitir que alguém me fizesse sorrir de verdade. Sentia que se eu sorrisse, tava esquecendo dela.
— Mas um dia percebi... que lembrar com dor não é a única forma de honrar alguém.

Jejo fechou os olhos por um instante.
O tempo parecia ter parado ali.

O diário de um quase

Naquela noite, ele escreveu no diário:

*"Clara me viu.
Não por fora. Mas por dentro.
E mesmo assim... ficou.
É cruel isso: a gente se acostuma tanto à dor, que quando a vida oferece algo novo, parece errado aceitar.
Mas e se...
E se a culpa não for traição?
E se for só saudade tentando manter o passado vivo?"*

A volta ao ponto zero

Clara não insistiu.
Nem cobrou.
Nem desapareceu.

Ela respeitou o tempo dele.
Continuou sendo presente, mas sem pressa.
Sem expectativa.
Só sendo.
E foi nesse espaço seguro que Jejo percebeu:
Ele não precisava esquecer Ayumi para seguir.
Ela ainda estava nele. Nas cartas, nos silêncios, nas
músicas.
Mas havia espaço para mais.
Espaço para o novo.
Espaço para sentir diferente.
E talvez — só talvez — isso não fosse errado.

O começo de algo?

Duas semanas depois, Clara ligou e convidou Jejo para
um sarau de poesia. Ele hesitou. Mas foi.
No fim do evento, sentaram na calçada. Conversaram
sobre Neruda, Florbela e Vinicius. E riram.
Quando ela encostou a cabeça no ombro dele, Jejo não
afastou. Fechou os olhos. Respirou fundo.
E, pela primeira vez em dois anos, sentiu paz. Não
euforia. Não paixão desenfreada. Mas paz.

E entendeu: **Talvez fosse isso o que ele precisava o tempo todo.**

Capítulo 15 — Revelações do Passado

Clara estava sentada no banco de madeira do parque, enrolada em um cachecol vinho. As folhas do outono caíam preguiçosas ao redor, e o céu de fim de tarde estava dourado, como se o tempo estivesse com saudade do verão.

Jejo caminhou devagar até ela. Carregava um caderno nas mãos. A capa estava gasta, as bordas dobradas. Era o mesmo diário que usava desde dois anos atrás.

Clara sorriu ao vê-lo, mas percebeu que ele vinha diferente.

Mais leve por fora, talvez. Mas com algo pesado querendo sair de dentro.

— Tá tudo bem? — ela perguntou, abrindo espaço no banco.

Jejo sentou ao lado, respirou fundo e encarou as árvores por alguns segundos antes de responder.

— Hoje não. Mas preciso falar, mesmo assim.

Ela apenas assentiu, respeitando o silêncio dele.

Ele abriu o caderno e tirou de dentro uma folha dobrada, já amarelada pelo tempo.

— Isso aqui... é a última coisa que eu escrevi pra ela. Nunca mandei.

Clara não perguntou quem era “ela”. Ela sabia. Sempre soube.

Confissão de um amor que nunca foi esquecido

Jejo segurou a folha entre os dedos, como se ela fosse feita de vidro.

— O nome dela é Ayumi. A gente nunca namorou, nem se beijou, nem teve “um momento”, sabe? Mas tudo em mim era dela.

— Cada texto que escrevi, cada silêncio que suportei, cada crise que venci... tinha o nome dela por trás, mesmo que não estivesse escrito.

Clara olhava para ele com ternura. Sem julgamento. Apenas com escuta.

Jejo continuou:

— A gente se conheceu numa fase difícil. Ela era tudo o que eu não era: forte, descomplicada, cheia de vida.

— E, por alguma razão que até hoje eu não entendo, ela me escutava. Me via. Me valorizava...

— Mas a vida levou ela embora. Literalmente. Mudou de país. Seguiu os sonhos dela.

— E eu fiquei. Com tudo preso aqui dentro. Com um amor que nunca foi tocado, só sentido.

Ele tocou o peito com a mão fechada.

— Eu nunca disse pra ela que a amava. E, mesmo assim, sinto que ela levou uma parte de mim quando foi embora.

Clara e o silêncio que acolhe

Clara continuou quieta. Não por falta do que dizer, mas por entender que certos momentos não precisam de palavras — só de presença.

Jejo apertou os olhos, tentando conter as lágrimas que vinham sem ele querer.

- Eu gosto de você, Clara. De verdade.
- Você é incrível. Inteligente, sensível, engraçada. Me escuta como ninguém mais escutou desde que ela se foi.
- Mas seria desonesto da minha parte seguir com você sem te contar... que eu ainda amo outra pessoa.
- Não como uma ex. Mas como uma ferida aberta que cicatrizou torta, sabe?

Clara baixou os olhos. Mas não afastou a mão quando Jejo, instintivamente, encostou nela.

- Eu não tô te dizendo isso pra afastar você — ele continuou. — Tô te dizendo isso pra não repetir o que fiz com Ayumi: silenciar demais e perder tudo.

Ela respirou fundo. E enfim, respondeu:

- Obrigada por confiar em mim. De verdade.
- Você não precisa me amar agora. Nem prometer nada.
- Só precisa ser honesto com o que sente. E foi.
- Isso já é mais do que muita gente tem coragem de fazer.

A lembrança viva

Jejo abriu o diário e leu o trecho que havia escrito para Ayumi dois anos antes, mas nunca teve coragem de enviar:

*“Se um dia você voltar, talvez me encontre diferente.
Talvez menos esperançoso, talvez mais cansado.
Mas uma coisa não muda: eu ainda esperaria por você na chuva, no frio, ou no meio do caos.
Não por covardia, mas por gratidão. Porque te amar, mesmo sem retorno, me fez acreditar que eu era capaz de sentir algo bonito.”*

Ao terminar de ler, as mãos tremiam.

Clara olhava para ele com lágrimas nos olhos, mas com um sorriso sereno.

— Jejo... você não ama só ela. Você ama a forma como se sentiu com ela.

— E isso... é bonito. Mas pode acontecer de novo, sabia? Ele a olhou, surpreso.

— Não igual — ela completou. — Mas de outro jeito. Talvez até mais verdadeiro. Menos idealizado. Mais real.

O abraço que não pede nada

Eles ficaram ali por minutos sem dizer mais nada.

O sol descia no horizonte. O parque esvaziava aos poucos. O vento frio soprava as folhas secas.

E, naquele fim de tarde, Jejo chorou — não de dor, mas de alívio.

Clara o abraçou. Não como quem espera ser escolhida. Mas como quem aceita o tempo do outro, mesmo que o coração peça urgência. Era um abraço que dizia:

“Eu tô aqui, mesmo que você ainda esteja um pouco lá.”

A carta nunca enviada... agora entregue

Naquela noite, Jejo finalmente fez algo que vinha evitando há dois anos: ele digitou o nome de Ayumi e enviou uma mensagem simples.

**“Guardei uma carta pra você todo esse tempo. Nunca mandei. Mas precisava te dizer que, de alguma forma, você ainda mora em mim.
E tá tudo bem. Só queria que soubesse.”**

Ayumi respondeu no dia seguinte:

**“Obrigada por dizer isso, Jejo.
Eu também guardo você com carinho.
E fico feliz que esteja se permitindo viver.
Você merece.”**

Jejo sorriu. Fechou os olhos.

E, pela primeira vez, entendeu: o amor que ele sentia não precisava mais doer para existir.

Capítulo 16 — Chegando Através das Cartas

Ayumi morava agora em uma cidade costeira do outro lado do mundo. Uma pequena vila com ruas estreitas e ventos salgados que bagunçavam o cabelo sem pedir licença. A rotina era simples, bonita até. Mas havia algo ali que nunca se encaixava completamente, como um quadro bonito torto na parede.

Naquela manhã, o carteiro apareceu com um pacote grande e amassado, carimbado por vários lugares diferentes. O nome dela escrito à mão, com uma caligrafia familiar.

Jejo.

Ela reconheceu de cara.

Sentou-se na varanda com o embrulho no colo. A ponta dos dedos tremia. O selo do Brasil ainda estava colado no canto esquerdo.

Desfez o barbante, abriu a caixa e se deparou com várias cartas, todas datadas, numeradas e cuidadosamente dobradas. Algumas com manchas de café, outras com rabiscos de tinta e até marcas de dedos — como se tivessem sido relidas, apertadas, sofridas.

Eram 31 cartas. A primeira escrita dois dias depois que eles se conheceram. A última... datada da semana anterior.

Ayumi encostou as costas na cadeira de madeira, segurando a primeira carta como se fosse um pedaço do passado que nunca soube que ainda existia.

Respirou fundo. E começou a ler.

Carta 1 – “Você me viu”

"Acho que você nem sabe o que fez quando sorriu pra mim naquele dia.

Foi só um sorriso. Mas eu tava num dia em que tudo parecia cinza.

E você apareceu... como um clarão inesperado.

Talvez você nunca entenda. Mas só de me enxergar, você me salvou de um dia que poderia ter sido o fim de mim."

Ayumi fechou os olhos. Ela lembrava daquele dia. Lembrava do garoto calado na biblioteca, de olhos fundos e camiseta preta, que ela achou bonito — mas, mais do que isso, interessante. Nunca imaginou que aquele pequeno gesto havia gerado tanto.

Carta 7 – “Eu escrevo porque não sei viver sem te escrever”

"Talvez você ache que me tornei seu amigo só porque temos coisas em comum.

Mas a verdade é que você me fez acreditar que eu era alguém digno de atenção.

Eu nunca precisei te beijar pra te amar.

Bastou te ouvir, te observar, te imaginar.

Escrevo porque, quando você some, é só aqui que eu consigo te manter perto."

Ayumi levou as mãos à boca. Estava chorando sem perceber.

Havia anos que ela não lia algo tão profundamente dirigido a ela. E o mais louco... é que ela não fazia ideia de que Jejo sentia tanto.

Carta 14 – “Eu te amo”

*"Não tenho certeza de quando começou.
Se foi quando me abraçou naquela chuva, ou quando
defendeu minhas ideias em público, mesmo sem
concordar.
Mas hoje eu sei: eu te amo.
E não por ilusão, não por carência.
Eu te amo porque, com você, eu queria ser mais.
E eu era."*

Essa carta caiu no colo de Ayumi. Ela apertou os olhos, lembrando do dia da chuva.

Era o aniversário de um amigo em comum. Eles ficaram presos em um ponto de ônibus, encharcados. Riram, dividiram fones de ouvido.

Jejo tremia de frio, e ela o abraçou pra esquentar. Só isso. Mas para ele, tinha sido muito mais.

Carta 22 – “Você foi embora”

"Você foi. E eu fiquei.

*Sim, você me avisou. Sim, você me contou seus planos.
Mas quando você entrou no avião, levou uma parte de
mim que eu nunca mais recuperei.*

Não te culpo.

Mas também não consegui te soltar!"

Ayumi chorava abertamente agora. As cartas estavam todas ao redor, espalhadas como memórias que haviam esperado anos para respirar.

Ela se levantou, foi até a praia ali perto e se sentou na areia. O vento bagunçava tudo, até os pensamentos.

No colo, a última carta.

Carta 31 – “Hoje eu te mandei tudo”

*"Eu tô escrevendo essa carta enquanto o carteiro me
espera no portão.*

*Eu decidi que não dá mais pra guardar tudo isso só pra
mim.*

Você merece saber.

*Merece saber que foi amada. Mesmo de longe. Mesmo em
silêncio.*

Hoje, tô tentando seguir em frente.

*Clara apareceu na minha vida como um raio de sol numa
tarde nublada. E eu tô tentando deixar ela entrar.*

*Mas antes disso, eu precisava que você soubesse:
Você foi o amor mais calado e mais real que eu já senti.*

E não importa o que venha depois...

*Eu te amei. Do meu jeito. Em silêncio. Com tudo que eu
tinha."*

Ayumi estava com o rosto coberto de areia e sal. A carta tremia nas mãos.

Não era ciúme. Não era culpa. Era... um vazio. Uma dúvida que nasceu com força.

“E se eu tivesse ficado?”

No fundo, alguma coisa mudou.

Ela passou dias relendo as cartas. Uma por uma. Chorou.
Sorriu. Se lembrou.
E no fim da semana, pegou papel e caneta.

“Jejo, recebi tudo.

Não sei o que dizer ainda.

Mas obrigada por ter me amado desse jeito.

Não sei o que isso muda, mas muda.

Me dá uns dias, tá?”

Enviou. Depois apagou a luz. Mas não dormiu.
Porque, mesmo longe, o amor que parecia morto... tinha
voltado a pulsar.

Capítulo 17 – A carta, e o caos

Era uma tarde comum, daquelas que se arrastam. Jejo estava sozinho em casa, com Clara no trabalho, e a playlist do dia repetia músicas lentas que pareciam zombar da lentidão com que o tempo passava.

O interfone tocou. O carteiro estava lá.

Jejo desceu com passos preguiçosos, sem imaginar o que estava prestes a acontecer.

Era um envelope grosso, com o nome dele escrito à mão. Mas não era qualquer letra.

Era a letra da Ayumi.

As mãos de Jejo gelaram. Ele subiu de volta, largou o celular em cima da mesa e sentou no sofá com o envelope no colo. Não conseguia abrir. Não conseguia respirar.

Ficou ali alguns minutos, encarando o papel como se ele fosse explodir.

Quando finalmente abriu, encontrou várias folhas de papel, todas cuidadosamente dobradas. Um perfume leve escapou das páginas, e o coração dele disparou.

"Oi, Jejo.

Eu recebi tudo.

E agora é minha vez de falar. Tudo. Sem medo.

Me dá esses minutos, porque essa é a carta mais difícil da minha vida."

Ele segurava a carta com as duas mãos. O peito doía. A respiração estava presa, como se qualquer palavra pudesse mudar tudo. Ayumi não enrolou. Logo no segundo parágrafo, ela soltou o que estava preso há anos:

"Jejo... eu também te amei.

Te amei do meu jeito. Silenciosamente. Talvez até covardemente.

Eu sentia, mas nunca soube lidar.

Você sempre foi intenso demais, e eu era um caos ambulante fingindo estabilidade.

Mas eu sentia.

A cada conversa. A cada toque. A cada silêncio."

A sala sumiu ao redor de Jejo. A carta virou o universo inteiro.

Ele ria e chorava ao mesmo tempo. A cabeça girava.

Elá também amava. Sempre amou.

Era tudo que ele sonhou ouvir por anos — mas agora, *no momento em que ele menos sabia o que fazer com isso.*

Clara estava na vida dele. Não de um jeito avassalador, mas de um jeito possível. *De um jeito presente.*

E agora, Ayumi dizia:

"Eu volto dia 7 de agosto.

Chego às 11h, no aeroporto de sempre.

Se você ainda quiser me ver, estarei na saída, com aquele mesmo casaco azul que você odiava."

O coração de Jejo parou por um segundo.

Dia 7 de agosto. Às 11h.

Faltavam exatos 18 dias. Ele largou a carta no colo e passou as mãos no rosto. Tinha vontade de sair correndo, de gritar, de rir, de chorar. Tudo ao mesmo tempo.

Levantou-se, começou a andar pela sala.

— Ai, meu Deus... o que eu faço agora?

As palavras de Ayumi queimavam:

"Eu te escrevo agora porque só agora tenho coragem.

Não espero que você me espere. Mas precisava que soubesse.

Eu volto por mim. Mas também volto por nós, se você ainda quiser!"

Jejo encarou o próprio reflexo no espelho. Ele não era mais o mesmo garoto introspectivo que ela conheceu. Mas também não era o mesmo desde que ela foi embora. Agora, tudo o que ele evitou sentir... voltava como um vendaval.

Durante a noite, ele leu a carta mais três vezes.

Depois escreveu e apagou mensagens. Tentou ligar pra Clara, mas desligou antes de chamar. Pensou em contar tudo pro melhor amigo, mas não sabia nem por onde começar. Estava sozinho. Mas era um tipo diferente de solidão. Era a solidão de quem precisa decidir entre o amor que construiu... e o amor que nunca morreu.

E o tempo estava correndo.

18 dias.

Cada um deles agora seria um campo de batalha entre razão, memória, promessas e...

um sentimento antigo que nunca deixou de existir.

Capítulo 18 – Silêncios que gritam

Os dias que se seguiram à leitura da carta foram os mais longos da vida de Jejo. Era como se o tempo tivesse desacelerado apenas para torturá-lo. Cada minuto carregava o peso de memórias, suposições, medos e uma saudade antecipada.

Faltavam quinze dias para o dia 7.

Quinze dias que pareciam quinze anos. Ele acordava cedo, mas não fazia nada. Andava pela casa, colocava um café para passar, esquecia, derramava. O celular tocava, e ele ignorava. Até as mensagens de Clara ficavam sem resposta por horas.

Ela percebeu no segundo dia.

— Jejo, tá tudo bem?

Ele só respondeu com um sorriso cansado.

— Só tô meio pensativo esses dias.

Clara, como sempre, foi gentil. Mas sabia. Sabia que algo tinha mudado dentro dele. Ela não perguntou de cara. Observou. Anotou em silêncio cada olhar perdido, cada gesto apático, cada ausência dele, mesmo presente.

Na quinta-feira da mesma semana, ele tentou trabalhar em um novo texto. As palavras não saíam. A mente dele estava atolada em um nome: Ayumi.

Ele abriu a carta de novo. Releu o trecho em que ela dizia que o amava. Depois o dia e hora de retorno: 7 de agosto. Aeroporto. Casaco azul. Era real.

Ayumi estava voltando. E, de alguma forma, aquilo era mais assustador do que todas as ausências anteriores.

Nos encontros com Clara, Jejo estava lá, mas não estava. No café preferido deles, ficou calado, mexendo no açúcar por cinco minutos antes de tomar um gole. Ela, sempre sensível, respeitava. Mas não deixava de sentir.

— Jejo... eu tô aqui, tá?

Ele apenas assentiu.

— Eu sei que não é fácil o que quer que esteja acontecendo aí dentro. Só queria te lembrar que... bom, você não precisa carregar tudo sozinho.

Clara falava com a voz embargada. Mas com a ternura de quem ama o outro mais do que ama ser correspondida.

Na sexta-feira à noite, Jejo voltou mais cedo pra casa. Disse que precisava “descansar”. Clara entendeu. Mas chorou no caminho de volta pra casa dela.

Ela sabia. **Sentia o nome de Ayumi em cada silêncio dele.** Não foi preciso perguntar. Não foi preciso ouvir.

No sábado, Jejo se trancou no quarto. Escreveu e rasgou três páginas de diário. Olhou para o teto por horas.

Depois foi até a porta do quarto, encostou a cabeça e ficou ali... como se esperasse que alguma resposta brotasse da parede. Era uma guerra invisível. O lado que queria seguir em frente e o lado que nunca esqueceu Ayumi.

Ele queria estar inteiro para Clara. Ela era tudo que alguém precisava para recomeçar. Mas... não era Ayumi. E isso o corroía.

Domingo. Quase uma semana desde a carta. Jejo ligou para a mãe, como fazia todo fim de semana. Mas dessa vez, a conversa foi mais curta.

Desligou antes mesmo de ouvir os conselhos de sempre. Depois pegou uma das cartas antigas que ele mesmo escreveu para Ayumi e nunca entregou.

Leu. Riu. Chorou.

— Eu nunca deixei de sentir... — murmurou, como se confessasse pra ele mesmo.

E ali caiu a ficha: estava apaixonado ainda. Mesmo depois de tudo. Mesmo com Clara ali. E com essa certeza veio o desespero: o que fazer com isso agora?

Na segunda-feira, Clara apareceu de surpresa. Levava um livro que sabia que Jejo gostava e dois cafés. Ele abriu a porta com os olhos fundos, a barba por fazer e a camiseta amarrrotada.

— Ei, Clara... — disse, sem energia.

Ela entrou, o olhou por dois segundos e então, calmamente, perguntou:

— Você recebeu uma carta dela, né?

Jejo congelou. Não sabia o que dizer. Nem como. Mas ela não esperou resposta.

— Tá tudo no seu jeito de andar. No seu silêncio. Eu conheço você.

— Clara, eu...

Ela ergueu a mão, pedindo silêncio. Sentou no sofá e puxou o livro do saco. Depois o café. Depois o próprio fôlego.

— Eu não tô aqui pra competir. Nem pra te prender. Só queria te ver antes que você decidisse se vai ou não naquele aeroporto.

Ele ficou em pé, olhando pra ela, com um nó na garganta.

— Desculpa...

Ela sorriu com os olhos marejados. — Só não some. Me avisa... o que você decidir. Eu aguento. Mesmo doendo.

Naquela noite, Jejo não dormiu. Ficou pensando em tudo que tinha construído com Clara... E tudo que deixou inacabado com Ayumi. No coração dele, o caos agora gritava. E só restavam 9 dias até o dia 7.

Capítulo 19 – Deixar ser feliz

O sol ainda nem tinha rompido a neblina da manhã quando Jejo acordou. Não por um despertador. Mas por um pensamento:

Clara voltou mesmo depois de ontem. Havia um misto de gratidão e medo no peito. Gratidão porque ela não desistira dele. Medo porque talvez ela merecesse algo que ele não poderia mais dar.

A campainha tocou às 8h02. Ele já sabia quem era. Clara era pontual até em despedidas. Ela estava ali. Moletom cinza, cabelo preso, olhos cansados. Mas mesmo assim... linda. Um tipo de beleza que não era física — era a calma que ela carregava mesmo em meio à tempestade.

— Posso entrar? — perguntou.

— Claro... sempre pode. — respondeu ele, abrindo espaço. Ela entrou como quem pisa em território sagrado: com cuidado, com respeito, mas sem medo. Se sentou no mesmo sofá do dia anterior. O mesmo livro ainda estava ali. O café dela, agora frio, ainda no canto da mesa.

— Não consegui parar de pensar em ontem — disse Jejo, andando de um lado para o outro.

Clara não o interrompeu.

— Eu queria te dizer o que fazer, Jejo. Juro que queria...
Mas isso é teu. Só teu.

Ele se sentou, enfim. Olhou pra ela. E ali ficou em silêncio por um tempo longo demais. Até que ela falou primeiro.

— Amar alguém também é deixar ela ser feliz. Mesmo que não seja com a gente.

Essas palavras cortaram ele por dentro. Mas Clara as disse sem choro, sem drama, sem voz trêmula. Como quem sabe que o amor não precisa sempre vencer — só precisa ser verdadeiro.

— Você tem que ir naquele aeroporto, Jejo.
Ele arregalou os olhos.

— O quê?

— Você precisa ver ela. Olhar nos olhos dela. Saber o que sente. Saber se ainda tem chance. E, se não tiver... aí sim você volta inteiro. Talvez pra mim, talvez pra você mesmo. Ela sorriu.

Um sorriso doído, mas cheio de coragem.

— Eu sou adulta, Jejo. Eu aguento. Se você voltar... eu te recebo. Mas se não voltar... eu me viro também. Não é fácil, mas é amor.

Jejo encostou o rosto nas mãos. O peito doía. A cabeça era um redemoinho.

- Eu me sinto um lixo, Clara.
- E eu me sinto viva por te amar mesmo assim — respondeu ela, levantando devagar.

Ela caminhou até a porta.

- Eu volto no dia 7. Seja qual for sua escolha, só me diga se você tá bem.

Ele assentiu, mudo. Ela foi até ele, deu um beijo na testa, e sussurrou:

- Vá descobrir o que ainda existe lá. Eu fico aqui... torcendo pra você voltar em paz. E saiu.

Jejo ficou ali, imóvel. O coração rasgado. Mas, pela primeira vez, com um destino claro. Ele iria ao aeroporto. Mas não por fuga. Dessa vez, era pra encerrar um ciclo. Ou quem sabe, recomeçar um.

À tarde, ele escreveu uma carta para Ayumi. Ainda não sabia se entregaria. Mas colocou tudo ali: a dor, a espera, Clara, o tempo, o caos. E no fim, escreveu:

"Se você ainda me ama, estarei de camiseta branca, ao lado da saída. Mas se passar por mim sem sorrir... eu entenderei. E volto inteiro, pela primeira vez, pra mim mesmo."

Restavam agora 8 dias. E Jejo já estava mais perto da verdade. Mesmo sem saber qual seria.

Capítulo 20 – Ela voltou

Era dia 7. O céu estava limpo, mas dentro de Jejo, tudo era confuso. Como se o universo inteiro tivesse parado só pra ver o que ele ia fazer com aquela chance. O despertador tocou às 6h. Mas ele já estava acordado. Não dormira direito. A carta estava no bolso do casaco. A mesma que escrevera dias antes. E ele ainda não sabia se teria coragem de entregá-la.

Às 7h12, Clara mandou uma mensagem: "Posso ir com você?"

Jejo demorou alguns segundos para responder: "Tem certeza?"

"Nunca tive tanta."

Às 8h20, ela estava na porta. Vestia um vestido vinho simples, jaqueta jeans e um brilho diferente no olhar. Era como se tivesse feito as pazes com o destino.

— Vamos? — disse ela, sorrindo com delicadeza.
Jejo apenas assentiu.

O silêncio entre eles não era incômodo. Era só o respeito de quem sabe que está entrando num campo delicado.

No carro, a estrada até o aeroporto parecia mais longa que o normal. Jejo apertava o volante com força. Clara mexia no rádio, tentando disfarçar a tensão.

— Você acha que ela vem? — ele perguntou, finalmente.
— Se ela sentiu metade do que você escreveu naquela carta... sim. Ela vem.

Jejo sorriu, tímido.

— Você leu?
— Claro. Estava em cima da mesa. E eu sou curiosa.
— E...?
— Sincera. Dolorida. Mas bonita. Do jeito que o amor é quando a gente não mente pra ele.

Chegaram no aeroporto às 9h15. O voo de Ayumi estava previsto para 10h40. Jejo sentou na fileira de cadeiras próximas à saída internacional. Clara ficou de pé, observando tudo à distância. Cada rosto que surgia era um susto. Até que, às 11h05, ela apareceu.

Ayumi. De casaco azul. Os cabelos um pouco mais curtos. E um olhar que misturava saudade, receio... e uma pontinha de esperança.

Jejo se levantou sem perceber. Os olhos dela encontraram os dele. E os dois pararam no tempo por uns instantes. Ela sorriu. Pequeno, tímido. Mas foi suficiente. Ele caminhou até ela. Eles se encararam por segundos que pareceram dias.

— Você veio... — disse ele, quase num sussurro.

— E você estava aqui. Com a camiseta branca.

— Como prometido.

Ela olhou ao redor.

— E... você não veio sozinho.

Clara estava a poucos passos, observando. Ayumi olhou para ela com curiosidade e um leve desconforto. Jejo respirou fundo.

— Ayumi, essa é Clara. A pessoa que me cuidou quando eu não conseguia nem me olhar no espelho.

As duas se encararam. Jejo suava nas mãos. Podia sentir o coração batendo no pescoço. Clara deu um passo à frente, estendendo a mão.

— Prazer, Ayumi. Ouvi muito sobre você. Talvez até mais do que você gostaria.

Ayumi hesitou por um segundo. Depois apertou a mão de Clara, com respeito.

— O prazer é meu.

E naquele instante... nenhuma lágrima caiu. Nenhuma briga aconteceu. Só duas mulheres, diferentes em tudo, mas com algo em comum:

Amaram o mesmo homem.

Jejo respirou fundo. Olhou para ambas. E sentiu que agora, não tinha mais como fugir. A decisão estava se aproximando.

No caminho para casa, o silêncio foi substituído por perguntas. Ayumi contava como tinha se sentido lendo a carta. Clara ouvia com atenção, como quem quer entender, e não competir. Jejo dirigia sem música, sem pressa, sem palavras. O caos parecia ter dado lugar a um estranho tipo de paz. Mas ele sabia:

em algum momento, teria que escolher.

E ele não sabia... Mas no dia seguinte, **Clara diria algo que mudaria tudo.**

Capítulo 21 – “O Corpo do Passado, o Coração do Agora”

O carro parou na frente do prédio. Ayumi olhava pela janela com os olhos marejados, mas firmes. Clara segurava o casaco no colo, como se usasse aquilo como escudo. Jejo... apenas respirava. Foram segundos de silêncio antes de Clara dizer:

— Vamos subir. Acho que essa conversa não cabe aqui fora.

Jejo apenas assentiu. Ayumi não hesitou.

Três pessoas, um passado, dois amores... e um só futuro ainda indefinido.

O apartamento estava do mesmo jeito. As luzes mornas, as plantas tortas, os livros empilhados demais. Mas agora, ali dentro, havia algo novo: uma escolha que não podia mais ser adiada. Clara foi até a janela, abriu a cortina e deixou a luz invadir. Ayumi olhava para tudo como quem reconhece e ao mesmo tempo estranha. Jejo permaneceu de pé, ao lado da porta, como se esperasse um comando. Então, Clara quebrou o silêncio.

— Eu pensei muito antes de vir hoje.

— Achei que vir aqui ia doer mais do que doeu.

— Mas não doeu. Ou pelo menos, não da forma que eu temia.

Ayumi se aproximou um pouco.

— Por quê?

— Porque eu entendi que o amor que eu sinto por ele não precisa competir com o que vocês viveram.

— E mais... que talvez, se ele for feliz com você, eu também vá ser.

Jejo engoliu seco. — Clara, você não precisa fazer isso.
Não precisa fingir que está tudo bem.

Ela virou-se para ele. — E quem disse que eu tô fingindo?

— Olha, Jejo... você foi a melhor coisa que me aconteceu nos últimos anos. — Mas mesmo quando a gente se beijava, mesmo quando eu deitava no seu peito, eu sentia... que seu coração estava ocupado.

Ayumi se aproximou. — Eu nunca quis atrapalhar... Clara a interrompeu com gentileza.

— E você não atrapalhou.

— O que existia entre vocês, existia muito antes de eu chegar. — O que vocês viveram foi intenso, silencioso... e verdadeiro.

O silêncio caiu por um instante. E então Clara, com voz firme e leve, disse:

— Vocês deviam assumir isso logo.

— Dar um corpo pro que sempre foi alma.

— Dar um lugar físico pro que sempre foi só lembrança.

Jejo abriu a boca, mas não conseguiu falar de imediato.
— Clara, e você? Como vai ficar depois? Não quero perder você.

Ela sorriu, com o olhar mais lúcido que ele já tinha visto.
— Eu vou ficar bem. E não... você não vai me perder. Eu escolho ser amiga de vocês. Mas não uma amiga qualquer. Quero ser a amiga que conhece os dois lados da história e ama vocês do mesmo jeito.

Ayumi aproximou-se e, sem pensar duas vezes, a abraçou. Não era um abraço simbólico. Era um abraço real. Quente. Forte. Quase desesperado.

Clara retribuiu.

— A gente vai dar certo. Não importa de que jeito, mas vai.

Jejo se aproximou.

As duas estavam abraçadas e ele as olhava como se visse a cena mais improvável de sua vida. E mais linda.

— Vocês são malucas — disse ele, sorrindo com os olhos cheios.

Clara se afastou e olhou nos olhos dele.

— Pode ser. Mas sou uma maluca que te ama a ponto de te deixar viver o amor que é seu. E isso, Jejo... isso é liberdade.

A noite caiu devagar. Eles pediram comida, riram de histórias antigas, ouviram música. Foi como se por um instante... o mundo tivesse perdoado tudo. Jejo, ainda incrédulo, escreveu mais tarde no seu caderno:

"Hoje eu entendi que o amor não precisa ser posse. Amor é espaço. É entrega. É coragem de ser feliz... mesmo que doa um pouco."

Naquela madrugada, Ayumi ficou. Clara foi embora de Uber, mas com um sorriso no rosto. E Jejo, deitado ao lado da mulher que esperou tanto tempo... Soube que finalmente estava onde devia estar. Mas também sabia... O futuro não seria simples. Amar com verdade é bonito, Mas exige uma coragem que nem todos estão prontos pra manter todos os dias.

Capítulo 22 – Angelical

A manhã nasceu silenciosa.

O sol vazava pelas frestas da janela, como se pedisse permissão para entrar. Jejo abriu os olhos devagar. Ayumi ainda dormia, com o rosto calmo e os braços entrelaçados nos dele.

O tempo parecia suspenso. Não havia barulho. Não havia angústia. Só havia o agora.

Mas então... algo o chamou.

Uma pequena dobra de papel, quase imperceptível, repousava próxima à porta. Como se tivesse sido deslizada pelo vão, ainda na madrugada.

Jejo se levantou devagar, com cuidado para não acordar Ayumi. Pegou o papel. Reconheceu a caligrafia de Clara de imediato.

Mas havia algo diferente na textura, no peso... no cheiro quase etéreo do envelope. Quase como se... não fosse de agora. Ele se sentou na beira da cama, abriu o envelope e começou a ler.

Jejo, Ayumi...

*“Se vocês estão lendo isso, é porque deu certo. E porque meu tempo por aqui acabou.
Eu não fui enviada a você, Jejo, por acaso. E muito menos a você, Ayumi, por acidente.
Minha missão era unir o que estava se perdendo.
Dar ao amor de vocês a chance de ser vivido — por inteiro.
Eu os vi se desencontrarem, se confundirem, se machucarem com silêncios. Mas também os vi tentando. Os vi amando em segredo. Os vi desejando com pureza.
Você não têm ideia da beleza que existe no que constroem. E por isso eu vim: para lembrar o mundo que alguns amores precisam acontecer.
Mesmo que não seja fácil. Mesmo que pareça tarde.
Meu corpo foi humano. Mas minha alma... era missão. E minha essência... foi Anjo.
Não precisam entender tudo agora. Mas um dia vocês vão olhar pra trás e perceber: Eu não fui só gente.
Eu fui o empurrão suave que o destino usa quando ele não quer falhar.
Cuidem um do outro. E cuidem do que existirá entre vocês. Com amor (o mais puro possível),
Clara”*

Jejo ficou parado. O papel tremia em sua mão. O peito batia com força. Mas não era medo. Era algo maior. Algo quase... divino.

Ayumi despertou e o encontrou ali, sentado com os olhos cheios.

— O que houve?

Ele a olhou e estendeu a carta. Ela leu devagar, linha por linha. E quando chegou ao fim, olhou pra ele com lágrimas escorrendo.

— Ela... nunca foi sua namorada, né?

— Não — respondeu Jejo, com um meio sorriso. — Ela foi o que a gente precisava quando a gente nem sabia o que precisava.

O resto do dia foi estranho. Como se o mundo inteiro tivesse mudado de cor.

Eles relembraram cada conversa com Clara, cada gesto gentil, cada olhar que ela lançava como quem já sabia do final.

E tudo agora fazia sentido.

Ela não queria ser escolhida. Ela queria reunir o que o tempo tinha separado. E conseguiu.

À noite, Jejo foi até o caderno onde registrava seus pensamentos e escreveu:

*“Hoje descobri que nem todo anjo tem asas.
Alguns usam casacos azuis.
Outros bebem café na caneca errada.
Alguns choram em silêncio por um amor que não é seu...
Só pra garantir que esse amor possa florescer no tempo certo.
Clara não era gente.
Ela era o milagre que a gente não viu chegando.
E mesmo indo embora... ela ficou.
Ficou na gente.
Ficou no que a gente agora tem coragem de ser.”*

Jejo e Ayumi passaram aquela noite abraçados, sem palavras. O céu lá fora parecia sorrir. E mesmo que Clara não estivesse mais por perto...a presença dela jamais sairia dali. Porque há pessoas que passam. E há seres que são enviados. Clara era o segundo tipo.

Epílogo – Parte 1: “Porque Amar Também É Acordar Juntos”

Meses se passaram desde a última carta.

A vida, com sua forma silenciosa de seguir em frente, foi se ajustando.

Jejo e Ayumi aprenderam a conviver com o peso da ausência de Clara — mas também com a certeza de que ela nunca foi embora de verdade.

Ela se tornara uma espécie de presença sutil. Invisível. Um lembrete constante do que é amar com liberdade. E agora, ali estavam eles.

Na varanda de um chalé pequeno, afastado da cidade, ouvindo o barulho das árvores e o canto abafado de algum sabiá perdido no céu cinza.

Era o dia do casamento.

Mas não tinha igreja.

Nem convidados demais.

Nem fotógrafo gritando poses.

Tinha chuva leve.

Tinha buquê colhido no quintal.

Tinha dois corações amadurecidos pelo tempo.

— Tá nervoso? — perguntou Ayumi, ajeitando a gravata torta de Jejo.

— Tô calmo... e tremendo por dentro — ele sorriu, segurando a mão dela com firmeza. — Mas acho que esse é o melhor tipo de nervoso.

Ela riu. — Concordo.

A cerimônia foi simples.

De pé, na frente da lareira, com três amigos como testemunhas e uma música antiga tocando num rádio velho, eles disseram o que os lábios já não precisavam dizer — mas o coração fazia questão de repetir:

— Sim, eu aceito.

— Sim, eu quero.

— Sim, eu escolho você... hoje e todos os outros dias.

E foi isso.

Sem exagero.

Sem platéias.

Só verdade.

Jejo, naquele momento, lembrou-se de todas as versões de Ayumi que já conhecera:

A confusa.

A distante.

A carismática.

A que dormia com os pés gelados e a que chorava por dentro.

E agora, diante dele, estava a Ayumi que ficou.

A Ayumi que escolheu amar — mesmo depois do caos.

Mais tarde, deitados juntos no colchão colocado no chão da sala, ele disse baixinho:

- Eu ainda escrevo cartas às vezes, sabia?
- Pra mim?
- Pra Clara.

Ayumi se virou e o abraçou.

- Ela tá aqui. Em tudo. No nosso riso. No seu jeito de olhar pra mim com medo de estragar.
- É — ele respirou fundo. — Eu sinto que, se ela visse isso agora... sorriria.
- Jejo... — ela o interrompeu com um toque no rosto — ela já viu. Muito antes da gente perceber. Ela sempre soube.

Do lado de fora, a chuva ainda caía, suave.

E do lado de dentro, duas almas que antes eram caos, agora aprendiam a ser lar.

Porque amar também é acordar juntos.

É dividir o silêncio.

É somar as cicatrizes.

É saber que, mesmo depois de tudo...

Ainda vale a pena tentar.

Epílogo – Parte 2: “Clara Angel”

A madeira do chão ainda rangia sob o peso leve do colchão improvisado. O fogo da lareira crepitava, tímido, espalhando uma luz alaranjada pelas paredes da pequena sala.

Jejo e Ayumi permaneciam deitados ali. A chuva havia virado garoa. O rádio tocava alguma canção antiga que falava sobre amar em silêncio.

Eles respiravam juntos. No mesmo ritmo. No mesmo compasso. Como se tivessem ensaiado aquela sinfonia a vida inteira.

Um silêncio gostoso reinava, daquele tipo que não pede palavras — mas também não teme que elas venham. Até que Ayumi quebrou esse espaço calmo com uma frase que mudou tudo:

— Jejo... Clara não está só em todo lugar.

Ele virou o rosto em direção ao dela, atento.

— Ela não será só um anjo agora.

O coração dele vacilou, sem entender direito. Mas os olhos dela estavam firmes. Serenos. Quase sorrindo. Foi quando ela segurou a mão dele e a levou devagar até sua barriga.

— Ela está aqui. Dentro de mim.

— O quê...?

— Você ouviu. Nós vamos ter uma filha. E o nome dela vai ser Clara Angel.

A mente de Jejo paralisou por alguns segundos. Era como se cada célula do seu corpo estivesse tentando absorver aquela verdade linda, inesperada, impossível.

— Ayumi... — ele sussurrou, os olhos se enchendo d'água — é sério?

— Sim. Descobri ontem. Queria te contar num momento que fizesse sentido.

— E esse momento... foi perfeito.

Ele abraçou ela com um cuidado novo, quase como se já estivesse protegendo aquela vida que mal começou.

Ficaram ali. Em silêncio de novo. Mas agora não era um silêncio vazio — era cheio de promessas. Jejo passou os dedos lentamente pela barriga de Ayumi.

— Clara Angel... — repetiu, saboreando cada sílaba como uma oração.

— Que nome mais bonito.

— É o nome certo — Ayumi respondeu. — Porque ela vai carregar um pedaço de tudo o que vivemos. Um pedaço da Clara que perdemos, da fé que achamos, e da esperança que a gente quase deixou pra trás.

Do lado de fora, um raio de sol rasgou a névoa, mesmo com o céu ainda nublado.

Era como se o mundo tivesse entendido. Como se dissesse:

“Agora sim... tudo está no lugar certo.”

E Jejo, olhando para o teto de madeira, pensou:

*“Talvez o amor seja isso mesmo...
Esse milagre estranho que sobrevive à dor,
e que, mesmo depois de tanto,
decide florescer de novo...
Dentro da gente.”*

PÓSFÁCIO – "Carta para Clara Angel"

Querida Clara Angel,

Você ainda nem nasceu, e talvez demore muito até que leia isso com os próprios olhos. Talvez alguém leia pra você antes. Talvez encontre esse papel por acaso, num dia comum. Ou talvez esse texto chegue até você do mesmo jeito que sua mãe chegou até mim: no tempo certo, mesmo que tarde.

Eu escrevo porque aprendi, da forma mais silenciosa e profunda, que escrever é uma forma de amar sem precisar permissão. Você vai ouvir muita coisa sobre mim e sobre sua mãe. Sobre a Clara que te deu nome. Sobre o tempo que quase nos rasgou, e sobre os instantes em que tudo parecia perdido.

Mas eu queria te contar outra coisa. Queria te contar sobre o **milagre que é nascer do caos**.

Porque é exatamente isso que você está fazendo. Você é o broto novo que surgiu da terra mais remexida. É a flor que cresceu no campo depois do incêndio. É o abraço depois de um grito. É resposta de uma carta que eu nunca tive coragem de enviar. E mesmo que eu tenha demorado pra entender, agora sei:

Deus nos reescreve quando tudo parece sem solução.
E você, filha, é essa reescrita linda que Ele fez em mim.

Sua mãe é a mulher mais forte que já conheci. Ela ama de um jeito livre, às vezes imprevisível, mas puro. Eu amei ela em segredo por tanto tempo que esqueci como era me amar também. Mas ela me devolveu isso. Aos poucos. Com risos, com ausências, com voltas.

A Clara que nos visitou antes de você — não pense nela como ausência. Ela foi presença o tempo todo. Foi ponte, foi aviso, foi anjo. E você carrega esse nome por isso: pra nunca esquecer que até os que parecem ter ido... na verdade ficaram.

Clara Angel, um dia você vai crescer. Vai ter seus próprios medos, dúvidas, e talvez até silencie suas emoções como eu fiz. Mas não se cale por muito tempo. Escreva. Fale. Ame. Seja a pessoa que ouve o invisível nos outros. Seja forte, mesmo quando estiver desabando por dentro.

E saiba: você veio ao mundo com um propósito maior do que pode imaginar. Você é prova viva de que o amor sempre encontra um jeito. Talvez um dia, quando olhar para trás, você entenda isso. Mas se não entender, tudo bem. Já é suficiente que você viva. Que respire. Que exista.

Porque sua existência já é poesia. Já é resposta. Já é cura. Com todo o amor que um coração pode guardar, do seu pai que te esperou antes mesmo de saber o seu nome,

— Jejo.

TE ESPEREI NO CAOS!

The background of the poster depicts a dark, apocalyptic landscape. In the center, a person with short hair and a backpack stands facing away from the viewer, looking towards a destroyed city. The city's skyline is visible through thick, billowing smoke and fire. A single beam of light cuts through the clouds in the sky. The foreground is filled with debris and charred remains of what was once a civilization.

JEAN
RODRIGO